

# NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS:

Da história pessoal à escolha do objeto de pesquisa

(Org.)

Ligia de Carvalho Abões Vercelli

**NARRATIVAS  
(AUTO)BIOGRÁFICAS:  
DA HISTÓRIA PESSOAL À ESCOLHA DO  
OBJETO DE PESQUISA**



**Pedro & João**  
editores



**LIGIA DE CARVALHO ABÕES VERCELLI  
(ORGANIZADORA)**

**NARRATIVAS  
(AUTO)BIOGRÁFICAS:**

**DA HISTÓRIA PESSOAL À ESCOLHA DO  
OBJETO DE PESQUISA**



**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Autoras**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

---

**Ligia de Carvalho Abões Vercelli [Org.]**

**Narrativas (auto)biográficas: da história pessoal à escolha do objeto de pesquisa.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 99p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-265-0438-3 [Impresso]  
978-65-265-0439-0 [Digital]**

1. Narrativas autobiográficas. 2. História pessoal. 3. Escolha. 4. Objeto de pesquisa. I. Título.

CDD – 370

---

**Capa:** Petricor Design

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2023

## SUMÁRIO

- 9** REMINISCÊNCIAS DE PESQUISADORAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA
- 15** SENSIBILIZANDO PROFESSORAS DE CRECHE: A ESCUTA DE BEBÊS NO CONTEXTO DA PANDEMIA  
Adriana da Costa Santos
- 23** DESEMPAREDAMENTO DA INFÂNCIA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA  
Amanda Loureiro de Oliveira
- 29** AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL PARTICIPATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PARA ALÉM DOS DADOS LEVANTADOS  
Carla Matie de Jesus Egi
- 33** AÇÃO SUPERVISORA NA REDE PARCEIRA: DIREITOS FUNDAMENTAIS DOS BEBÊS E DAS CRIANÇAS  
Cyntia Simone de Souza Rodrigues
- 43** O REGISTRO REFLEXIVO COMO INSTRUMENTO NA QUALIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL  
Daniela Ruiz

- 49 O PROCESSO FORMATIVO EM CONTEXTO PARA PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE DIADEMA-SP**  
Fernanda Cristina Mota Vellado Passos
- 55 A FORMAÇÃO PERMANENTE DE COORDENADORAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E IMPACTOS NAS PRÁTICAS COTIDIANAS**  
Iara Santos Mazzeto
- 61 IMPACTOS DO ISOLAMENTO SOCIAL VIVIDO NA PANDEMIA COVID-19 NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SÃO PAULO**  
Lidiane dos Reis Santos Amorim
- 65 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS DE UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL: A ALIMENTAÇÃO DOS BEBÊS EM PAUTA**  
Luciana da Conceição Liberato
- 71 A TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES DA SUPERVISÃO ESCOLAR**  
Luciana Ramalho Santana Mandu

- 79** COMUNIDADES DE APRENDIZAGENS COMO  
ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DOCENTE E  
RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA PROPOSTA  
PEDAGÓGICA EM UM CENTRO DE  
EDUCAÇÃO INFANTIL  
Mariana Silva Lima
- 83** TEMPOS E ESPAÇOS NA ROTINA DE UMA  
CRECHE DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO  
DO CAMPO ANTES E DURANTE A PANDEMIA  
Priscila de Oliveira Leal
- 87** ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS-AMBIENTES  
BRINCANTES DE UM CENTRO DE  
EDUCAÇÃO INFANTIL, APÓS RETORNO  
PRESENCIAL  
Tatiane Sesztak Leonardi
- 91** REFERÊNCIAS
- 95** SOBRE AS AUTORAS



## REMINISCÊNCIAS DE PESQUISADORAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Iniciamos esta apresentação ressaltando que todas as autoras do presente livro foram mestrandas do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) da Universidade Nove de Julho (Uninove) e compuseram a Linha de Pesquisa e de Intervenção Educação e Infância (Lipiei), algumas sob orientação da Professora Doutora Ligia de Carvalho Abões Vercelli, outras da Professora Doutora Nádia Conceição Lauriti.

Também participaram e continuam participando do Grupo de Pesquisa sobre Educação Infantil e Formação de Professores (Grupeiforp) devidamente cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o qual possui, desde 2015, grande representatividade no que concerne à primeira etapa da educação básica, com várias publicações e seis encontros nacionais.

O Progepe é composto por mais duas linhas de pesquisa, a saber: Linha de Pesquisa e de Intervenção Gestão Educacional (Lipiges), Linha de Pesquisa e de Intervenção Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino (Limape). Todos os professores e professoras do Programa têm como premissa discutir com os estudantes a relevância de iniciar a dissertação com a apresentação/memorial, na qual eles e elas narram suas

trajetórias de vida, pessoal e/ou profissional, a fim de que o leitor e a leitora possam entender o porquê da escolha de determinado objeto de estudo.

Em função disso, os títulos das dissertações das autoras é o mesmo que ora apresentamos nas diferentes narrativas. Vale lembrar que todas as pesquisadoras são gestoras e professoras de Escolas de Educação Infantil da Rede Municipal de São Paulo e demais redes de ensino da região metropolitana desta cidade. As pesquisas de campo e os dados produzidos ocorreram nos anos de 2020 e 2021, dessa forma, realizadas no período da pandemia de Covid-19 e/ou logo após retorno presencial; assim, muitos títulos contemplam essa questão.

O problema que nos inquietou para compartilhar as narrativas (auto)biográficas foi a necessidade de entender como a história de vida de cada pesquisadora está intrinsecamente ligada à escolha de um objeto de estudo, além de apontar a futuros pesquisadores e pesquisadoras que as escolhas profissionais são subjetivas, partem das vivências pessoais, educacionais, políticas e afetivas.

Nesse sentido, entendemos que iniciar uma dissertação de mestrado com a narrativa (auto)biográfica permite que a pesquisadora e o pesquisador reconheçam seus lugares de fala e percebam o quanto suas memórias os/as permitem compreender o trajeto que os/as conduziram para a carreira docente. Quanto a isso, Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 10-11) afirmam que:

[...] pesquisas que só passam a existir porque, havendo uma experiência significativa na vida do sujeito pesquisador, este a toma como objeto de compreensão. Essas pesquisas decorrem de uma situação não

experimental, mas vivencial. Podem ser chamadas de narrativas de experiências educativas. A especificidade delas reside no fato de que o sujeito da experiência a narra para, debruçando-se sobre o próprio vivido e narrado, extrair lições que valham como conhecimentos produzidos a posteriori, resultando do embate entre a experiência e os estudos teóricos realizados após a experiência narrada. A pesquisa que pode ser deflagrada a partir da narrativa da experiência não é uma construção anterior à experiência. É da experiência vivida que emergem temas e perguntas a partir dos quais se elegem os referenciais teóricos com os quais se irá dialogar e que, por sua vez, fazem emergir as lições a serem tiradas [...].

Portanto, cada pesquisa está relacionada à experiência que, segundo Bondia (2002) é aquilo que nos toca, que nos passa. Esse termo vem do latim *experiri*, cujo significado é provar, experimentar, portanto, “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (Bondia, 2002, p. 25). Nesse sentido, entendemos que, para fazer pesquisa, o pesquisador e a pesquisadora têm de estar imersos nas experiências que fizeram e fazem sentido a eles e elas, a fim de que possam alcançar os objetivos acadêmicos propostos.

As narrativas auto(biográficas) apresentadas neste livro partiram das vivências pessoais e profissionais de cada pesquisadora, e apontam o quanto elas foram tocadas por suas histórias, pois ao escrevê-las, rememoraram e perceberam que suas memórias determinaram a escolha das carreiras profissionais e dos respectivos objetos de estudo.

Como salienta Josso (2007, p. 419) tais narrativas mediam o conhecimento do autor em sua existencialidade oportunizando a “[...] tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação”.

Isso posto, compreendemos que o pesquisador e a pesquisadora das ciências humanas de forma geral, mas, no nosso caso, os/as da Educação iluminam seu objeto de investigação apoiando-se não apenas em suas histórias de vida, mas também nos referenciais teóricos que fundamentam suas práticas escolares cotidianas.

Neste livro, o leitor entrará em contato com doze narrativas (auto)biográficas, a saber: **Sensibilizando professoras de creche: a escuta de bebês no contexto da pandemia**, autoria de Adriana da Costa Santos; **Desemparedamento da infância em uma Escola Municipal de Educação Infantil em tempos de pandemia**, autoria de Amanda Loureiro de Oliveira; **Autoavaliação institucional participativa na educação infantil: para além dos dados levantados**, autoria de Carla Matie de Jesus Egi; **Ação supervisora na rede parceira: direitos fundamentais dos bebês e das crianças**, autoria de Cyntia Simone de Souza Rodrigues; **O registro reflexivo como instrumento na qualificação da prática pedagógica de professoras da educação infantil**, autoria de Daniela Ruiz; **O processo formativo em contexto para professores de uma escola de educação infantil na rede municipal de Diadema-S/P**, autoria de Fernanda Cristina Mota Vellado Passos; **A formação permanente de coordenadoras pedagógicas da educação infantil: qualificação profissional e impactos nas**

**práticas cotidianas**, autoria de Iara Santos Mazzeto; **Impactos do isolamento social vivido na pandemia Covid-19 na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças de uma escola municipal de São Paulo**, autoria de Lidiane dos Reis Santos Amorim; **Práticas pedagógicas de professoras de um Centro Municipal de Educação Infantil: a alimentação dos bebês em pauta**, autoria de Luciana da Conceição Liberato; **A transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental: contribuições da supervisão escolar**, autoria de Luciana Ramalho Santana Mandu; **Comunidades de aprendizagens como estratégia de formação docente e ressignificação de uma proposta pedagógica em um Centro de Educação Infantil**, autoria de Mariana Silva Lima; **Tempos e espaços na rotina de uma creche do município de São Bernardo do campo antes e durante a pandemia**, autoria de Priscila de Oliveira Leal; **Organização dos espaços-ambientes brincantes de um Centro de Educação Infantil, após retorno presencial**, autoria de Tatiane Sesztak Leonardi

Boa leitura



## SENSIBILIZANDO PROFESSORAS DE CRECHE: A ESCUTA DE BEBÊS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Adriana da Costa Santos

Num mundo que muda com velocidade, se eu não olhar o outro como fonte de conhecimento para mim, independentemente de onde ele veio, de como ele faz, do modo como ele atua, eu perco uma grande chance de renovação. O outro me renova, nós nos renovamos. (Cortella, 2011, p. 79).

Várias pessoas me renovaram ao longo de minha vida, foram referências, inspirando-me e me fizeram avançar em conhecimentos. Por acreditar no potencial dessa relação com o outro, tornei-me profissional da educação, tenho buscado aprimorar minha atuação para uma educação pública de qualidade, que pode potencializar a escuta de crianças de forma transformadora.

Fiquei órfã de mãe ainda criança, sendo adotada e criada pela minha irmã mais velha e pelo meu cunhado. Sou muito grata a eles, pois vejo que a pessoa que sou hoje, todas as conquistas que fiz ao longo da vida, foram

devido à oportunidade de ter tido um lar estruturado como referência.

Por toda a minha adolescência, quando minha irmã saía para trabalhar, eu ficava cuidando de suas filhas, minhas sobrinhas e quase minhas irmãs. Assim, deu-se meu contato inicial com crianças. Brincávamos e interagíamos, e quando iniciei meu trabalho como funcionária pública concursada na creche, em 1993, meus universos se cruzaram.

Para ingressar como monitora de creche, na Rede Municipal de São Bernardo do Campo, apresentei o certificado de conclusão do Ensino Médio. Participei do primeiro concurso para a função. Antes deste, era necessário apenas ser mulher e de preferência mãe, para iniciar na função de monitora. Nessa época, as creches deixaram de ser vinculadas à Assistência Social e foram transferidas para a Secretaria de Educação. Não havia professoras para atuarem nessa etapa de ensino, havia só as monitoras, e o que nos diferenciava era ser ou não concursada, ter Ensino Médio ou apenas saber ler e escrever. Então, o foco era mais voltado para o cuidado dos bebês e crianças pequenas, havendo grande preocupação com a limpeza dos espaços. Não havia planejamento pedagógico bem estruturado.

Lembro-me que as crianças eram apáticas, não as consultávamos e permaneciam no lugar estabelecido por um longo período. Eram bem cuidadas, mas não considerávamos seus desejos. Os brinquedos eram despejados no centro do espaço e as crianças pegavam o que conseguiam naquele monte. Contávamos histórias, fazíamos teatro, tínhamos materiais gráficos para artes visuais, mas não acontecia um planejamento a partir das

observações das crianças, sendo totalmente focado no desejo do adulto.

Antes de iniciar o ingresso de professoras concursadas na creche, as diretoras foram chamadas para uma reunião, a fim de aprenderem como deveriam proceder para o processo de acolhida dessas profissionais. Os monitores passariam a ser vistos como ajudantes, contudo, como as ingressantes não sabiam como exercer a função na prática, deveríamos ensiná-las.

Certa vez, fui convidada pela diretora a ir até sua mesa. Lá, ela me disse que havia um grupo de monitoras se organizando para fazer a complementação pedagógica para o magistério a nível do Ensino Médio, no Estado do Rio de Janeiro, cidade de Resende, no Projeto Crescer, e que gostaria muito que eu abraçasse essa oportunidade. Ela se incumbiu de fazer toda a organização para isso, telefonou e pediu a autorização de minha irmã e me ajudou financeiramente nos custos da matrícula, transporte e estadia. Sou grata a essa diretora e me sinto privilegiada por ela ter investido em mim.

De fato, foi um grande privilégio estudar a complementação pedagógica. As ações que eu fazia no cotidiano com as crianças ganharam um novo sentido, passei a compreender os porquês dos muitos momentos da rotina; contudo, hoje analiso que meus planejamentos e os de minhas colegas não contemplavam a escuta das crianças, seus desejos e necessidades.

Em 1999, ingressei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bernardo do Campo e, enquanto cursava Pedagogia, a Secretaria de Educação aprovou o Estatuto do Magistério, transformando-me, de maneira automática, em professora sem concurso público.

Tudo o que vivenciei na graduação foi muito valioso, pois me proporcionou aprendizagens muito significativas. Eu conseguia articular a teoria à prática. No entanto, avalio que o olhar para a creche foi deficitário em minha formação acadêmica, voltado, sobretudo, para o Ensino Fundamental.

O meu desempenho profissional avançou e, em 2007, fui convidada, pela equipe gestora da unidade escolar em que eu trabalhava, a assumir a função de professora de apoio pedagógico (PAP). Ao aceitar, desafiei-me a sair da condição de professora de creche para a de professora coordenadora, cuja principal tarefa era se responsabilizar pela formação docente.

Em 2009, ingressei no curso de pós-graduação *lato sensu* em Educação Infantil na Faculdade de Educação São Luís. Embora tenha sido um curso de quatrocentas horas, foi um divisor de águas em minha formação, pois me apresentou à pesquisa e à escrita acadêmica. Como trabalho de conclusão de curso (TCC), escrevi sobre “A formação do professor da Educação Infantil”, uma vez que buscava compreender melhor o papel do coordenador pedagógico para potencializar a formação docente, com o objetivo de ajudar as professoras e educadoras do complexo escolar em que atuava a aprimorarem também sua atuação junto aos bebês e crianças pequenas.

No segundo semestre de 2009, saiu o edital para o primeiro concurso para o cargo de coordenador pedagógico (CP), com todas as escolas com vagas disponíveis e, se quisesse continuar na função de professora coordenadora, precisaria me inscrever e passar

no concurso. Assim o fiz e assumi o cargo no início de 2010, no qual me encontro até os dias de hoje.

Na busca contínua de avançar nas minhas competências voltadas à formação docente e com o objetivo de atingir e aprimorar a ação das educadoras junto às crianças no contexto institucional, realizei, em 2010, o curso de pós-graduação *lato sensu* em Didática e Tendências pedagógicas na Faculdade de Educação São Luís, pesquisando e escrevendo o TCC intitulado “O papel do coordenador pedagógico como formador do professor reflexivo”. Com essa pesquisa, tive o privilégio de me aprofundar um pouco mais sobre o professor reflexivo, que também precisa ser um pesquisador contínuo em serviço, que reflete sobre sua relação com as crianças no cotidiano, que observa, coleta dados, busca a potência das materialidades presentes no prédio escolar e de como o coordenador pedagógico pode ser um parceiro desse profissional.

Na formação contínua em serviço, voltada para as professoras de apoio pedagógico (PAPs) e depois às coordenadoras pedagógicas, ocorriam encontros formativos liderados pelas orientadoras pedagógicas (OPs), nos quais comecei a refletir sobre a formação do formador. Então, iniciei, em 2011, o curso de pós-graduação *lato sensu* em Supervisão Educacional na Faculdade de Educação São Luís. Na ocasião, pesquisei e escrevi o trabalho “O supervisor educacional e o trabalho pedagógico de qualidade”. Na época, dei-me conta da potência do trabalho articulado dos múltiplos profissionais, na busca de um fazer pedagógico de qualidade com cada fase do desenvolvimento infantil, entendendo que as propostas e recursos podem ser

conscientemente planejados e utilizados pelas educadoras.

A Secretaria de Educação do município de São Bernardo do Campo, em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), recebeu, a partir de 2012, as Professoras Doutoras Suely Amaral Mello e Mônica Appezzato Pinazza como assessoras formativas para as equipes gestoras da Educação Infantil. Avalio que essa foi uma formação que transformou o meu jeito de enxergar o cotidiano da instituição. Foi com elas que tive acesso ao termo Escola da Infância e o que o conceito envolvido nessa nomenclatura representa para a dinâmica interna da escola/creche. Considerar a atividade da criança como centro do processo educativo foi um dos pontos principais, assim como deixar para trás práticas cristalizadas, a lógica adultocêntrica, e passar a colocar a criança no centro do planejamento docente.

Em 2017, fui apresentada por uma das colegas CPs ao Grupo Feito Afeto Curadoria e Consultoria Pedagógica, liderado pela OP aposentada da rede pública de ensino de São Bernardo do Campo, Mara Lúcia Finocchiaro da Silva. Nos encontros mensais, as participantes são convidadas a desenvolver propostas com fruições estéticas, como forma de refletir as práticas cotidianas na Escola da Infância. A formação e incentivo para a humanização e a escuta do bebê e da criança pequena são constantes no grupo.

No início de 2019, por meio da coordenadora pedagógica Meire Cardoso de Lima, uma das colegas CPs e mestre em educação pela Universidade Nove de Julho (Uninove), fui apresentada ao Grupo de Pesquisa sobre

Educação Infantil e Formação de Professores (Grupeiforp),

Motivada pelas observações e ponderações sobre protagonismo infantil realizadas na creche em que atuo como coordenadora pedagógica, pelas múltiplas parcerias e pelas influências nos grupos de pesquisa e formação aos quais pertencço, dei-me conta de que não posso perder a chance de renovação e transformação em minha própria prática, para que as professoras desenvolvam e/ou ampliem a escuta dos pequenos no cotidiano da instituição.



## DESEMPAREAMENTO DA INFÂNCIA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Amanda Loureiro de Oliveira

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática. (Freire, 2003, p. 61)

Tive minha primeira experiência escolar aos dois anos de idade e, desde essa idade fui acolhida na primeira etapa da educação básica, com direito a muita brincadeira e um bosque. Lembro-me do cheiro das árvores, passarinhos cantando e a espera diária para o momento de exploração da área verde e externa; tínhamos contato com a natureza e uma pequena horta.

Meus pais sempre incentivaram as quatro filhas a terem acesso à educação, à cultura e ao lazer. Eu, a mais nova, tive referência das minhas irmãs mais velhas observando o percurso escolar de cada uma.

Quando completei cinco anos, fui matriculada em um colégio católico, os espaços não eram tão verdes, mas, de certa forma, as propostas pedagógicas mostravam um mundo interessante para a criança curiosa que sempre fui. Lembro-me das freiras cantando, tocando violão, as brincadeiras no chão com tapetes de palha estendidos;

lembro-me também das letras móveis de madeira e da tentativa da escrita de palavras por meio delas. Havia um dia em que eu e as demais crianças podíamos levar o brinquedo para partilhar, tudo muito divertido, porém contestado nos dias atuais.

Eu gostava de estar naquele espaço interagindo com os colegas de sala, sendo criança e vivendo a infância. Existia um prédio da Educação Infantil e outro do Ensino Fundamental e Médio e uma porta grande de madeira dividia os espaços. Eu e meus colegas sempre olhávamos aquela porta à espera de um local convidativo, com novas descobertas.

No ano de 1987, ingressei no primeiro ano do Ensino Fundamental e concluí essa etapa nesse mesmo colégio. Confesso que na Educação Infantil eu fui bem mais acolhida, já que não éramos tão “emparedados” como no Ensino Fundamental. Porém, não posso negar que também foi um tempo bom de muitas descobertas e saberes. As aulas mais esperadas eram as de Educação Física, na qual eu podia liberar meu corpo de criança explorando as mais variadas sensações. Sempre que ia até a quadra ficava observando o prédio das crianças do infantil e relembro de como tinha sido prazerosa minha passagem por aquele tempo e espaço.

Outro fator que sempre observava era a maneira com que cada professora conduzia sua aula. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, tive duas docentes muito rígidas e outras menos. No Ensino Fundamental II, tive variados professores: uns com metodologias tradicionais; outros que se mostravam mais liberais e tornavam as aulas reflexivas.

Na adolescência, cursei o Magistério em uma escola estadual. Nesse espaço deixei a timidez de lado e comecei a me posicionar e pontuar minhas considerações e escolhas. Entendo que foi nesse tempo também que passei a me enxergar como cidadã e participante de uma escola democrática.

Tive ótimos professores que, de certa forma, me inseriram na sociedade. As aulas de Sociologia, Psicologia e Didática eram as minhas prediletas. Foram quatro anos de estudos, com estágios e trabalhos de integração com escolas desde o primeiro ano, experiência esta que me trouxe a convicção da carreira desejada.

Em 2002 iniciei o curso de Pedagogia na Faculdade de São Bernardo (FASB) e logo comecei a trabalhar na Rede Municipal de São Bernardo do Campo como estagiária remunerada. Essa experiência trouxe muitos aprendizados com relação à prática da sala de aula, pois nesse tempo as minhas atribuições eram as mesmas dos professores concursados.

No segundo ano da faculdade fui aprovada no concurso público da Rede Municipal de Santo André, como professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. No mesmo ano ingressei na mesma Rede assumindo um segundo cargo também de professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, no qual me encontro até o momento.

Na Rede de Santo André vivenciei meus primeiros entraves sobre teoria e prática pedagógica, fundamentando-os aos poucos com inúmeras formações, estudos e experiências com outros profissionais. Nessa Rede também assumi a função gratificada exercendo o cargo de Assistente Pedagógica de Creche. A experiência

do trabalho formativo de professores me trouxe muitas aprendizagens, reflexões e desafios acerca do trabalho com a primeira infância.

Em busca de outras referências profissionais ingressei, em 2008, na Rede Municipal de São Paulo, no cargo de Professora de Educação Infantil e Fundamental I, na qual também atuo até hoje. Em São Paulo, trabalhei em algumas escolas de Educação Infantil e percebi que, em uma mesma Rede de ensino, os espaços e tempos são construídos de formas diferentes e com concepções divergentes. Os espaços de Educação Infantil geralmente são mais urbanizados, com poucas áreas verdes ou arborizadas, bem como salas referências numerosas, com muitas mesas e cadeiras. Isso sempre me chamou a atenção e, de certa forma, me incomodou, afinal, eu vivera na década de 1980, uma infância menos “emparedada” que as crianças dos dias atuais. As linhas do tempo com rotinas engessadas me fizeram repensar minha prática e a forma com que poderia possibilitar territórios de aprendizagem para além da sala referência.

No decorrer da minha docência aprendi que as possibilidades do lado de fora da sala referência e o brincar com a/natureza são, de fato, os momentos mais apreciados pelas crianças; sendo assim, observo que os tempos da infância e da natureza caminham juntos. Nesses tempos diante da minha escuta, percebo que a criança que para, olha, observa e brinca, consegue entrar com mais tranquilidade numa proposta de atividade, seja ela encaminhada no momento da brincadeira ou em uma proposta de ateliê, do que outra agitada por permanecer período exaustivo fechada em uma sala sentada.

Os registros revelam a magia e encantamento das crianças na qual partindo de minhas constatações e reflexões, privilegiei o brincar com os elementos da natureza, nas áreas externas, possibilitando contato também com a arte e a cultura diante desse universo infinito de possibilidades que existe nos universos infantis.

Também experenciei os cargos de coordenadora pedagógica e Diretora Escolar na mesma escola em que hoje leciono, ampliando minha visão micro para uma visão macro das questões educacionais. Nesse momento, conheci também a História dos Parques Infantis de Mário de Andrade e passei a me questionar em que tempo São Paulo perdeu essa proposta tão interessante na qual o espaço era potencializador de relações sociais de vivências lúdicas e artísticas, proporcionando às crianças que pudessem conviver juntas sem separação etária, favorecendo a troca entre pares.

No decorrer dos anos, observando a diversidade e especificidades no atendimento às crianças, senti a necessidade de me especializar e qualificar minha prática. Cursei pós-graduação *lato sensu* em Educação Infantil e depois em Docência no Ensino Superior. Porém, existia uma lacuna a ser preenchida, em especial, compreender por que os tempos e espaços escolares na Educação Infantil resistem na maioria das vezes imutáveis.



# AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL PARTICIPATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PARA ALÉM DOS DADOS LEVANTADOS

Carla Matie de Jesus Egi

A teoria sem a prática vira 'verbalismo',  
assim como a prática sem teoria, vira  
ativismo. No entanto, quando se une a  
prática com a teoria tem-se a práxis, a ação  
criadora e modificadora da realidade.  
(Freire, 1989, p. 67)

Minha trajetória na Educação inicia-se em 1992 com meu ingresso no curso de magistério, ainda adolescente, mas cheia de ideias, ideais, planos e sonhos que sempre foram acalentados e me acompanham nessa caminhada há quase 30 anos.

Desde o início, minha preocupação sempre foi investir na formação, pois sempre acreditei que por trás de um grande profissional está uma formação de qualidade e foi em busca dessa qualidade que sempre pautei minhas escolhas. Minha graduação inicial foi feita na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e lá tive excelentes mestres e o privilégio inenarrável de ter conhecido Paulo Freire pessoalmente, com quem aprendi que o ato de educar deve ser libertador e carregado de sentido. Seus ensinamentos permanecem

vivos em todas as minhas reflexões e também na minha constituição profissional.

Ingressei na carreira pública do Magistério em 1998, na Prefeitura de Cotia, como professora da Educação Infantil, deixando para trás um cargo importante dentro de um banco renomado. Diria hoje que realmente foi um ato de coragem de quem acreditava e continua acreditando que o trabalho é bem mais do que um meio de sustento, é a marca de um fazer transformador que provoca mudanças no mundo.

Permaneci cinco anos nesse cargo, no qual tive a oportunidade de me constituir como professora e também formadora, pois vivenciei a minha primeira experiência no universo de uma secretaria de educação, compondo a equipe pedagógica do município. Participei do processo de transição das creches da Secretaria da Assistência Social para a Educação e das discussões para elaboração dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, bem como da implementação desse documento com o programa *PCNs em Ação*, momento em que conheci a sede do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em Brasília.

Em 2002, exonerei do cargo em Cotia e ingressei em São Paulo e Osasco, acumulando a função de professora. Foi nesse período que a epígrafe desta apresentação ampliou seu sentido e incorporou-se à vida, já que sentia falta do trabalho em sala de aula para ganhar a musculatura necessária como formadora, pois teoricamente já havia construído uma boa base, mas me faltava o repertório oriundo da prática, já que só tinha vivenciado um ano na sala de aula.

Esse retorno à sala de aula foi de extrema importância para tornar-me quem sou hoje, pois vivenciar na prática todos os estudos foi de vital importância para a constituição da minha profissionalidade.

E como teoria e prática devem ser indissociáveis, em 2007 comecei a fazer parte do grupo de estudos na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), com a professora Tizuko, que mais tarde passou a ser o Grupo de Formação em Contexto. Nesse grupo, tive a oportunidade de analisar minha prática à luz das teorias de Dewey e Julia Formosinho, dentre outros teóricos. Foi quando a escuta passou a reger o meu trabalho com os pequenos. A preocupação com os processos avaliativos atrelados à qualidade das ações, que exercitava desde o início da minha formação, tornou-se ainda mais evidente.

Em 2009, ainda no grupo, tive a oportunidade de participar do processo de tradução dos Indicadores de Qualidade e do projeto piloto de sua aplicação. Foi a partir dessas experiências que teve início a minha história de admiração pelo documento que hoje chamamos de "Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana", um instrumental valiosíssimo para garantia de um trabalho eficaz com as infâncias. A partir de 2015, com a implementação desse documento oficial, passei a participar do processo de sua aplicação anualmente. Minhas inquietações surgiram quando fazíamos o plano de ação e nunca mais olhávamos para estes dados, pois a desculpa recorrente era a de que não seríamos atendidos nas demandas externas para garantir a qualidade do nosso trabalho.

Em 2018, surgiu a oportunidade, por meio do convite de uma amiga que conhecia o meu trabalho, para participar do processo seletivo para compor a Divisão Pedagógica (DIPED) da Diretoria Regional de Educação do Butantã (DRE BT). Confesso que relutei em fazer o projeto e me arriscar nesse novo desafio, pois estava na zona de conforto, quase que em posição fetal no meu trabalho com as crianças. Uma das motivações para o aceite do convite, entretanto, foi a de responder à pergunta: “onde morrem os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana?”. E hoje buscar compreender como os dados desta autoavaliação institucional são analisados e utilizados pelas Unidades de Educação Infantil tornou-se meu objeto de pesquisa no mestrado.

A trajetória escolhida foi o da pesquisa de cunho qualitativo com inspiração no método da cartografia, pelo qual nos propusemos a investigar como os dados levantados na Autoavaliação Institucional Participativa são utilizados na qualificação das ações no cotidiano de três Unidades de Educação Infantil do Município de São Paulo e a proposição de um *e-book*, livro digital, contando a experiência e os resultados da pesquisa com indicações para realização da Autoavaliação Institucional Participativa, bem como o envolvimento da participação de bebês e crianças nesse movimento, a ser compartilhado com a gestão escolar das Unidades pesquisadas, com a intenção de fomentar as discussões e reflexões sobre a qualidade negociada tendo como objetivo central a melhoria do processo educativo.

# AÇÃO SUPERVISORA NA REDE PARCEIRA: DIREITOS FUNDAMENTAIS DOS BEBÊS E DAS CRIANÇAS

Cyntia Simone de Souza Rodrigues

O esquecimento, frequentemente, é uma graça. Muito mais difícil que lembrar é esquecer! Fala-se de boa memória. Não se fala de bom esquecimento, como se esquecimento fosse apenas memória fraca. Não é não. Esquecimento é perdão, o alisamento do passado, igual ao que as ondas do mar fazem com areia da praia durante a noite (Alves, 2015, p. 155).

Com a inspiração da epígrafe que inicia a minha apresentação, digo que buscar as memórias que aqui me trouxeram, perpassa por essa ideia do “bom esquecimento”. Olhar para o caminho e questionar os percursos que me trazem ao mestrado, numa linha de pesquisa ligada à Educação Infantil, não foi um processo linear e tampouco regado de “boa memória”, muito provavelmente, pela falta de entendimento do vivido à época, mas com certeza, um exercício valioso para reconhecer-me e aqui tentar me traduzir.

Sou nascida e criada na região do ABC paulista, no início dos anos de 1980. Para quem não conhece, o

território é composto pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano e Diadema. Essa última, onde vivi toda a minha infância e adolescência, foi fundada há pouco mais de sessenta anos e, normalmente, não é representada junto com a inicial das demais, nos meios de comunicação e nem pelos próprios moradores. Aprendi na escola que uma das razões seria pela simbologia da coroa dos três santos. Mais tarde, comecei a questionar se tal razão não se daria pela história de sua fundação ser mais recente e permeada por invasões, fluxos migratórios, com acesso às condições de infraestrutura e de desenvolvimento mais tardio, em relação às demais cidades que compõem o chamado “grande ABC”, reflexões que deixo para outro momento.

Filha de migrantes mineiros, pai operário e mãe do lar/artesã, ambos muito jovens e com pouco estudo, constituíram família com três filhos e fixaram moradia na região. Na cidade de Diadema, estudei desde a Educação Infantil (pré-primário) até o magistério, em escolas públicas. Chegar a esse curso não foi algo natural, embora as brincadeiras de escola estivessem presentes entre os irmãos, primos e crianças do bairro, por sempre torcer para ser escolhida nas apresentações da escola, da igreja, por gostar de passar lição na lousa para os meus professores e sentir-me confortável naquele lugar. Tive uma avó materna que foi professora normalista, única a não trabalhar nas lavouras do interior de Minas Gerais, que dizia que eu levava jeito para a docência. Talvez esses fatores tenham exercido grande influência em minhas escolhas, mas tantas outras águas seguiram nesse fluxo da vida, que é difícil mensurar.

Destaco que morar numa região identificada historicamente como um polo industrial, principalmente de montadoras de carros, traz a percepção de uma cultura de preparo da mão de obra jovem/adolescente, para suprir as metalúrgicas e demais indústrias do ABC paulista, ao longo dos anos, especialmente na oferta de cursos técnicos e preparatórios. Entre os relatos do meu pai sobre a década de 1970, período em que aqui chegou, sobre a disponibilidade de vagas para as indústrias da região, ele afirma que eram abundantes, principalmente na cidade de São Bernardo do Campo. Ele relatava que, quem ficasse desempregado num dia, no outro já estaria empregado, dada a disputa das empresas pela mão de obra competente.

Diante dessa demanda econômica da região, era comum, à época em que estudei, os meninos ingressarem em cursos do Sistema “S”, Serviço Social da Indústria (SESI) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), para o trabalho nas fábricas, e as meninas, em maioria, nos cursos que chamavam de auxiliar de escritório. Até hoje, existem na região muitas escolas técnicas com a oferta de cursos de Secretariado, Contabilidade, Administração, para além dos cursos diretamente ligados à produção das indústrias, como: robótica, mecatrônica, mecânica, entre outros, com a observação da ampliação mais recente de faculdades e universidades, mantendo essas características na oferta dos cursos para a região.

Aqui, deparo-me com as lembranças das brincadeiras com os papéis contínuos que meu pai trazia da empresa, repletos de números e letras. Eu não sabia do que se tratavam, mas numa época em que papéis e livros

não eram de fácil acesso às crianças, especialmente das escolas públicas, ter um monte deles e brincar de datilografar documentos importantes de escritório era parte do nosso imaginário, em muitas das brincadeiras.

Voltando para a vocação da região e dos cursos disponíveis à época, venho dizer que também fui uma daquelas meninas que, ao chegar na 8ª série (atual 9º ano do Ensino Fundamental), ingressei num curso de auxiliar de escritório, organizado por um conjunto de empresas da região, sendo que, ao término, os adolescentes eram direcionados para uma das empresas parceiras, para fazerem um estágio remunerado, por volta dos 13 e 14 anos de idade, quando normalmente, os meninos tornavam-se *office boy* em trabalhos externos e as meninas *office girl*, em trabalhos internos. Depois desse período de estágio, muitos permaneciam nas empresas, em contratos temporários, em meio período e ao ingressarem no antigo colegial (atual Ensino Médio), em horário noturno, tinham a oportunidade de se tornarem celetistas. Ah! Sem me esquecer do *boom* dos cursos de informática, que se deu nesse mesmo período de conclusão do período ginásial (Ensino Fundamental), em meados dos anos noventa, nas escolas profissionalizantes da prefeitura, nos sindicatos, mesmo em escolas do Sistema “S”, ou ainda em instituições particulares. Olhando hoje para esse cenário, entendo que, como o antigo colegial (Ensino Médio) não era parte da educação básica do país e, portanto, não era o caminho garantido para todos, o preparo para o trabalho era um desejo possível para os filhos da classe trabalhadora.

Tudo isso para dizer que ingressar no magistério, ou em algum curso técnico, nesse contexto tecnicista, era um

caminho quase natural para aqueles que podiam seguir com os estudos na região e nas condições aqui contextualizadas, desde que, também pudessem trabalhar e, de alguma maneira, colaborar com o orçamento da casa, ou ainda custear as próprias necessidades. No meu caso não foi diferente, sabia que não queria fazer o Ensino Médio regular, ora porque a notícia dos mais velhos era de que quase não se tinham aulas nas escolas próximas, sempre em horário noturno, ora porque os próprios professores incentivavam-nos a buscar as escolas técnicas ou ainda os Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam), que foi a minha opção, a qual considero como o início do meu percurso profissional na educação.

No Cefam tínhamos o ensino integral no primeiro ano e nos demais (num total de quatro anos) fazíamos estágios em escolas estaduais e municipais num período do dia e, no outro, tínhamos a carga horária do Ensino Médio regular junto com as disciplinas metodológicas e orientação de estágio. Ganhávamos uma bolsa de estudos durante todo o período do curso.

Ressalto que, logo depois do meu ingresso no magistério, houve uma grande comoção por parte dos professores do curso, pois com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9394/96 (BRASIL, 1996), mencionava-se que o curso perderia a validade para a docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil, e que haveria sua extinção, passando a ser obrigatório o ensino superior, o curso de Pedagogia. Embora até hoje alguns municípios e estados continuem aceitando o magistério para a docência, dadas as condições de acesso ao Ensino

Superior, à época, foi um grande alvoroço, o que levou alguns alunos e alunas da minha turma a mudarem de curso, voltando para a modalidade regular e, posteriormente, seguirem com o curso de Pedagogia, ou ainda em outras licenciaturas. No meu caso, segui com o magistério, concomitantemente com o curso de Administração de Empresas no período noturno, provavelmente influenciada pelos contextos anteriores já relatados e, entre idas e vindas, na área administrativa, ingressei também no curso de Pedagogia.

Para além dessa novidade para o curso do magistério, a LDB 9394/96 trouxe a ampliação da educação básica, para a Educação Infantil e Ensino Médio, e naquele mesmo período, tivemos as discussões para a publicação do Referencial Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), um marco para a Educação Infantil do país, abrangendo creches e pré-escolas, o que trouxe para as aulas do magistério e da Pedagogia muitas leituras e reflexões acerca das proposições do documento, tanto nas questões curriculares, como na perspectiva de desenvolvimento integral, do reconhecimento dos direitos à infância, da integração entre as ações do brincar e cuidar, do caráter socializador dessa etapa da educação, da ampliação e acesso aos contextos sociais e culturais. Concepções essas revistas e ampliadas em documentos posteriores, pelos estudos das áreas da Pedagogia e da Sociologia da Infância, o que, de alguma maneira, trouxe grande influência para o meu percurso na educação, pois minha escolha posterior, tanto como professora quanto como gestora, deu-se em grande parte, em escolas de Educação Infantil.

Durante o curso de Pedagogia, nas formações continuada e em serviço, nos cursos de pós-graduação nas áreas de gestão escolar/educacional, percebo-me em volta de temáticas relacionadas à Educação Infantil, com o desejo de estudar e ampliar o conhecimento sobre as políticas públicas para as infâncias, em diferentes contextos do país e, especificamente, no meu território de atuação, que é a cidade de São Paulo.

E como a vida nem sempre segue em remanso, pois as carreiras profissional e acadêmica seguem também com as necessidades e desejos da vida pessoal, depois de quase vinte anos de carreira no magistério, de casar-me e ter duas lindas e sapecas filhas, e de um período de pandemia do vírus Covid-19 iniciado no ano de 2020, a qual trouxe inúmeros desafios para a vida pessoal e profissional, retomei a ideia do projeto de pesquisa, pensado há alguns anos, sobre o estudo de políticas públicas para as infâncias e, ao reescrevê-lo para um contexto de vida atual, iniciei novo estudo no Programa de Mestrado Profissional pesquisando a ação supervisora (cargo que atualmente ocupo) para a garantia dos direitos fundamentais de bebês e crianças atendidas na rede parceira da cidade de São Paulo.

Destaco que o interesse pelo tema da pesquisa tem sua relevância no lugar do sujeito que fala, com uma trajetória na educação na cidade de São Paulo, o que entendo contribuir para um olhar aproximado de algumas políticas do município para a infância nos últimos anos, não só pelo vivido, mas pelo fazer permeado de documentos, referenciais e legislações. Meu ingresso como professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na cidade se deu pelo concurso público do

ano de 2001, com um percurso docente quase todo vivenciado em Escolas Municipais de Educação Infantil (Emei), que atendem crianças de 4 a 5 anos, e um menor período num Centro de Educação Infantil (CEI) da rede direta, que atende bebês e crianças de até 3 anos.

Em 2011, a partir do concurso público de acesso para o cargo de Coordenador Pedagógico, iniciei uma nova jornada nos equipamentos da infância, tanto em Emei, quanto em CEI, e um menor período no Ensino Fundamental. O novo cargo trouxe o desafio e a responsabilidade de organizar e fomentar processos formativos da equipe docente, de implementação curricular e acompanhamento das aprendizagens e de mediação das ações que constituem o Projeto Político-Pedagógico com a comunidade educativa, entre outros.

Com a aprovação no concurso de acesso de 2015, ingressei no cargo de supervisora escolar em 2018, na Diretoria Regional de Educação (DRE) de Santo Amaro, em caráter de designação, para melhor compreender a ação supervisora na rede, sendo que, em 2019, acessei ao cargo com vaga definitiva naquela mesma diretoria. Nesse breve período de atuação, deparei-me com o universo, até então, desconhecido, dos Centros de Educação Infantil da rede parceira, o que me mobilizou a buscar respaldo legal, histórico e referencial bibliográfico, para melhor compreensão e qualificação do trabalho nessas instituições. Também, busquei apoio junto aos pares, para melhor entendimento das relações com as entidades mantenedoras e equipes gestoras, bem como a experiência nos fluxos de trabalho implicados no acompanhamento da rede parceira, desde os processos de

celebração, do acompanhamento mensal, até situações de denúncias de irregularidades.

Portanto, o tema anunciado nas intenções de estudo do presente trabalho está relacionado à necessidade de melhor compreender as implicações dessa política pública para o atendimento dos bebês e das crianças na cidade e a garantia dos direitos fundamentais, bem como às perspectivas e condicionantes da ação supervisora nesse acompanhamento, com as observações, inquietações e experiências de um próprio fazer.



# O REGISTRO REFLEXIVO COMO INSTRUMENTO NA QUALIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniela Ruiz

A educação é um caminho e um percurso. Um caminho que de fora nos impõe e o percurso que nele fazemos. Deviam ser, por isso, indivisíveis e indissociáveis. Como os dois olhares com que nos abrimos ao mundo. Como as duas faces, a visível e a oculta, do que somos. Os caminhos existem para ser percorridos. E para ser reconhecidos interiormente por quem os percorre. O olhar para fora vê apenas o caminho, identifica-o como um objeto alheio e porventura estranho. Só o olhar para dentro reconhece o percurso, apropriando-se dos seus sentidos (Santos, 2002, p.10).

Antes de iniciar propriamente a pesquisa sobre o tema proposto em minha dissertação, cabe localizar na minha trajetória de vida, pessoal e profissional, o nascimento do desejo por este tema.

Aluna de escola pública, oriunda de família de poucos recursos, de origem imigrante, que sempre deu muito valor aos livros, à leitura e à escola, iniciei minha trajetória como aluna aos sete anos de idade, no que antes

era denominado “primeira série do Ciclo Básico I”. O ano era 1987. Sempre gostei muito de frequentar a escola. Para mim, é como se estivesse entrando num lugar mágico! Era divertido e prazeroso ir para a escola, mesmo que tivesse de permanecer por quatro horas praticamente ininterruptas sentada em uma desconfortável cadeira.

Frequentei a mesma instituição, dos sete aos quatorze anos, e só tenho boas lembranças, pois ainda não havia despertado em mim o olhar mais apurado, que me possibilitariam algumas ou muitas críticas para o modo de se organizar e de ensinar daquela escola, e que talvez sintetize a maneira de se organizar e de ensinar que ainda hoje persevera na maioria das instituições públicas sobre as quais tenho conhecimento. Mas, era com olhos encantados que ao cursar o segundo grau, assim denominado o Ensino Médio na década de 1990, ingressei no curso profissionalizante de magistério.

O ano era 1995 e o local, o Centro de Formação e Aperfeiçoamento no Magistério (CEFAM), localizado no bairro do Butantã, na cidade de São Paulo. Se antes tinha pela escola um respeito e admiração, esses sentimentos se agigantaram ao cursar o magistério.

Naquele espaço, passei a olhar a escola pelo outro lado da mesa do professor, percebi paulatinamente, por meio de inúmeras discussões, assembleias e militância estudantil, como a educação podia ampliar o meu horizonte e o de muitos jovens. Aos poucos, tive a maior das descobertas da minha vida profissional: que o melhor lugar do professor não é atrás de uma mesa, mas junto com as crianças, do mesmo lado delas!

Muitas eram as provocações dos professores para “destravar” meu olhar e com ele, a minha escrita, uma vez

que estava mais acostumada a copiar do que a pensar sobre o que escrevia. Mas, como era aluna dedicada e cercada por excelentes mestres, fui aprendendo a observar, escrever, reescrever e a refazer minha escrita, ao mesmo tempo em que gestava o que anos mais tarde, se consolidaria em uma prática pautada na relação dialógica entre quem ensina e quem aprende. Ler e escrever o mundo. Neste contexto de jovem professora, enorme era o desejo de fazer o melhor para as crianças que chegavam até mim, na minha primeira turma de Educação Infantil.

O ano era 1999; a turma era formada por crianças que frequentavam a escola em período integral; assim, de manhã, tinham as atividades regulares e, à tarde, elas ficavam comigo. A orientação da escola era a de proporcionar momentos voltados para as manifestações artísticas.

Foi um grande desafio começar a trabalhar com crianças tão pequenas. Aos poucos, elas foram me mostrando, ou melhor, eu fui conseguindo entender o que me diziam o tempo todo, sobre o que era ou não possível fazermos juntas. Não me lembro de ter momentos formativos em serviço naquele período, mas de buscar em livros e cursos (a *internet* ainda era recurso escasso) algumas possibilidades de trabalho com crianças pequenas.

No ano de 2001 iniciei o curso de Pedagogia na Faculdade Campos Salles. Não via muitas possibilidades de reflexão e aprendizagem. Tudo muito rígido e desconectado da realidade da escola. Os anos foram passando e outras oportunidades de trabalho surgindo. Fui professora no Ensino Fundamental, no ano de 2002 e em 2005, conheci o segmento da Educação de Jovens e

Adultos (EJA), sempre concomitante ao meu trabalho na Educação Infantil.

Em 2007 mudei-me de São Paulo para a cidade de São Bernardo do Campo, onde comecei a trabalhar na rede municipal da cidade, como professora de Educação Infantil, com crianças de 4 e 5 anos e, nos anos posteriores, como professora de creche.

Foi uma nova aprendizagem, porque precisava desconstruir a rigidez da rede privada e iniciar a busca por uma identidade de professora na rede pública, tão deturpada socialmente. Tive de buscar o brilho nos olhos da menina que entrava na escola encantada todos os dias aos sete anos e depois, resgatar os desejos de mudança, cultivados nos sonhos juvenis pelo magistério. Uma nova paixão surgia! O ensino público, no segmento da Educação Infantil.

Foi na rede pública que tive a oportunidade de participar de formações em serviço semanais, as quais traziam muitas reflexões sobre o papel do professor, o desenvolvimento integral da criança, como planejar as propostas pedagógicas, como acompanhar as aprendizagens das crianças, enfim, tive de me aperfeiçoar mais uma vez, aprender a olhar pelo horizonte da educação sem a mesa do professor, em comunhão com as crianças.

Em 2010 iniciei um novo desafio na rede municipal de São Bernardo do Campo, então como coordenadora pedagógica no segmento da creche. Apesar de fazer parte da Educação Infantil, ela é como um mundo paralelo, pois ainda traz muitas marcas assistencialistas e não era possível perceber nesse segmento um trabalho estruturado, de formação em serviço.

Naquela creche, recém-inaugurada em uma região periférica da cidade, cheguei com o desejo latente de desenvolver junto aos educadores um trabalho que buscasse a educação de qualidade para aquela comunidade, que nos recebia de braços abertos.

Busquei inspiração na minha experiência como professora partícipe dos encontros formativos em serviço, denominado, naquela rede de ensino, Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) e projetei um plano de ação formativa para o ano letivo. Aos poucos, instituiu-se na unidade HTPCs com temas cada vez mais consistentes, permitindo aos professores refletirem sobre suas ações com as crianças.

O acompanhamento dos instrumentos metodológicos, aqui compreendidos como caderno de planejamento, relatórios individuais das crianças e registros semanais dos professores, foram tornando-se elementos estruturantes do trabalho dos docentes e também do meu próprio trabalho como coordenadora.

Conforme avançamos nos estudos sobre esses documentos pedagógicos, ampliamos nosso olhar para o desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, fomos criando um movimento de escuta da criança e de refinamento do olhar do professor.

Em 2018, fui convidada por uma colega, também coordenadora pedagógica da rede municipal de São Bernardo do Campo, a participar do grupo de Pesquisa sobre Educação Infantil e Formação de Professores (Grupeiforp), da Universidade Nove de Julho (Uninove) e, ao voltar para o universo acadêmico, a vontade de aprofundar meus estudos sobre os documentos pedagógicos aumentou ainda mais.



## O PROCESSO FORMATIVO EM CONTEXTO PARA PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE DIADEMA-SP

Fernanda Cristina Mota Vellado Passos

Sou feita de retalhos.  
Pedacinhos coloridos de cada vida que passa  
pela minha e que vou costurando na alma.  
Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas  
me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.  
Em cada encontro, em cada contato, vou  
ficando maior...  
Em cada retalho, uma vida, uma lição, um  
carinho, uma saudade...  
Que me tornam mais pessoa, mais humana,  
mais completa (Cris Pizziment).

Ao pensar sobre minha trajetória pessoal e profissional, me vem muito fortemente a busca por novos patamares e a reflexão de como, em nosso percurso, vamos nos constituindo a partir das relações genuínas que construímos com quem nos atravessa. Aos cinco anos de idade, período em que eu frequentava a pré-escola, recordo-me de ver algumas letras escritas na lousa e sentir um grande incômodo por não saber o que ali estava escrito.

Pedi a um colega, que já tinha o poder mágico de ler, para me falar o que significavam aquelas letras juntas. Por ele não me dar atenção, naquele momento, para sanar

minha curiosidade acabei batendo no amiguinho. A consequência desse episódio foi uma conversa da professora com a minha mãe que, percebendo meu desejo, ajudou-me nessa busca que se tornou incessante a partir daí. Lembro-me com muito carinho dos momentos em que, ao acompanhar os afazeres domésticos da minha mãe, ouvia os clássicos da literatura que, a cada vez que ela contava, sempre inseria novos elementos na história. Tais situações ficaram marcadas na minha história, assim como o desenho de gatinho com um círculo em cima do outro que até hoje reproduzo para minhas filhas.

Estudar sempre fez parte do meu cotidiano; desde o curso de magistério já tinha em mente que a graduação não bastaria. Gosto de ter minhas convicções sacudidas e colocar em risco minhas verdades. Muitas vezes acabo fazendo a opção pelo caminho mais difícil: os desafios sempre me movem e me levam para situações que me fazem crescer, gosto imensamente desses movimentos.

Desde muito pequena a brincadeira que mais me interessava era brincar de escolinha e, por conta desse interesse, sempre ouvi que seria professora, fato que se concretizou com a minha inscrição para realizar a prova do Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM). Tive o total apoio dos meus pais, pois seria uma oportunidade de sair com uma profissão do Ensino Médio. O desejo pela docência aflorou com muita intensidade ao cursar o magistério, porque tive excelentes professores e construí importantes vínculos.

Ao concluir o magistério, fui chamada para assumir o cargo de professora de Educação Básica na rede municipal de São Bernardo do Campo. Ver meu nome no jornal *Notícias do Município* aos 18 anos de idade,

convocada para assumir um cargo público, foi motivo de muita alegria e de comemoração dos meus familiares. Assumi uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental em uma unidade escolar no Riacho Grande, pertencente à zona rural.

Nesse espaço tive muito apoio da equipe gestora e de meus pares para me constituir como professora. Lembro-me das dificuldades, mas também da convicção de que havia escolhido a profissão certa. Nesses primeiros anos de profissão, realizava todos os cursos de formação que eram oferecidos pelo município.

Tive oportunidade de me formar com profissionais como Edmir Perrotti, Madalena Freire e Rubens Alves. A busca pela qualificação da minha prática sempre foi muito intensa. Nos anos em que atuei em São Bernardo do Campo, além da docência, exerci diferentes funções, como Professora de Apoio à Biblioteca Escolar Interativa (PABE) e Professora de Apoio aos Programas Educacionais (PAPE), atuando no laboratório de informática de algumas escolas. Nessas duas últimas funções, tive a oportunidade de desenvolver ações de formação de professores, atribuição que muito me cativou e envolveu. Ao me remover de unidade escolar e assumir minha função em uma escola de Educação Infantil, junto com o novo desafio veio a paixão por esse segmento do qual eu nunca mais consegui me desvincular.

Paralelamente à docência, sempre houve uma outra paixão, a ginástica acrobática, que foi introduzida na minha vida por iniciativa de um professor de Educação Física no Ensino Fundamental. Esse interesse me levou a buscar minha primeira graduação que foi a Licenciatura

em Educação Física. Acredito que o meu gosto pelo movimento surge em decorrência disto.

Em 2010, ingressei no curso de Pedagogia, juntamente com o segundo cargo público na Prefeitura de Diadema. Atuei no referido município com os anos iniciais do Ensino Fundamental. Em alguns anos anteriores, havia realizado a formação *Letra e vida - Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA)* e foi uma grande oportunidade de colocar conhecimentos adquiridos em prática. Sempre tive um grande fascínio por entender a forma como as crianças aprendem, como salienta Malaguzzi (1999, p. 59), “coisas relativas às crianças e para as crianças somente são aprendidas com as próprias crianças”.

Como já relatei, as mudanças sempre estiveram presentes na minha trajetória. Assim, passei a cultivar o hábito de realizar concursos públicos e, em 2011, assumi o cargo de professora de Educação Básica na Prefeitura do Município de São Paulo, rede em que atuei por um ano e meio; nesse mesmo ano encerrei o ciclo de oito anos de trabalho na prefeitura de São Bernardo do Campo. Em 2013, realizei o processo seletivo de acesso para a função de Coordenadora Pedagógica no município de Diadema, assumindo assim essa função em uma escola de Educação Infantil e, meses depois desse mesmo ano, exonerei o cargo no município de São Paulo, permanecendo até os dias de hoje no município de Diadema, atuando na coordenação pedagógica.

Nessa função pude colocar em prática algo que me moveu durante todo meu percurso profissional que é a reflexão para a qualificação da prática a partir dos processos formativos. Acredito muito na relação de

parceria que é estabelecida entre coordenador(a) e professor(a). Os desafios dessa função são inúmeros, porém aprendo todos os dias com o acompanhamento pedagógico e com a experiência e os fazeres cotidianos dos(as) professores(as).

No decorrer desse percurso profissional, tive dois grandes marcos na minha vida pessoal que contribuem imensamente para a formação do ser humano que busco ser a cada dia: o nascimento da minha primogênita Laura, em 2015, e da Júlia, em 2018; são elas as responsáveis por me impulsionar a ir além quando surgem as dificuldades.

Por minha atuação em diferentes papéis na escola da infância, surge a inquietação com esse tema de pesquisa. Ter passado por diferentes funções permitiu-me aguçar o olhar para a atuação efetiva da coordenação pedagógica no percurso formativo docente para o desenvolvimento de práticas qualificadas. Ao longo dos oito anos em que tenho atuado na coordenação pedagógica, fui me constituindo profissionalmente e a reflexão sobre as diferentes estratégias formativas e processos vividos pelo grupo neste percurso sempre foi um grande motivo de busca.

Essa busca me fez chegar até o mestrado profissional. Vale ressaltar que antes de ingressar no mestrado já participava do grupo de pesquisa sobre Educação Infantil e Formação de Professores (Grupeiforp), coordenado pela professora doutora Lígia de Carvalho Abões Vercelli.



**A FORMAÇÃO PERMANENTE DE  
COORDENADORAS PEDAGÓGICAS DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL: QUALIFICAÇÃO  
PROFISSIONAL E IMPACTOS NAS  
PRÁTICAS COTIDIANAS**

Iara Santos Mazzeto

É na hora de escrever que muitas vezes fico  
consciente de coisas, das quais, sendo  
inconsciente, eu antes não sabia que sabia  
(Lispector, 1999, p. 254).

Colocar-me a escrever sobre minha trajetória profissional é sem dúvida um grande desafio, porque não basta apenas rememorar; meu exercício aqui será ler os atos do passado compreendendo cada uma das minhas escolhas até o presente momento.

Lembro-me de optar por cursar Magistério quase dez anos depois de ter finalizado o Ensino Médio. Realmente não sei dizer se escolhi a Educação ou fui escolhida por ela. Formei-me em 2002, na última turma; no ano seguinte o curso foi extinto. Foi um enorme privilégio ter tido acesso ao magistério, pois foi ele que despertou em mim o desejo de conhecer mais profundamente a área. Nele, experimentei um pouquinho do que é ser professora, dos anseios e desafios da profissão.

Recém-formada no magistério, diante de 32 crianças em uma sala de 2ª série (atualmente 3º ano), deparei-me com a imposição de transpor o aprendido, fazendo. Era hora de atuar, de responsabilizar-me, de assumir meu papel como professora de crianças dos anos iniciais.

Encontrei apoio para minhas dúvidas e frustrações em uma colega também iniciante na carreira docente. Nossas conversas eram intermináveis, e no caminho da escola para casa discutíamos sobre tudo. O que havia dado certo, o que havia dado errado, nos ajudávamos nas grandes e pequenas coisas.

O primeiro ano de exercício docente trouxe-me gratas surpresas. Entre dúvidas sobre o fato de estar plenamente preparada para o ofício e os desafios cotidianos em sala de aula, lembro-me de uma experiência que muito me tocou. Assim que o ano letivo iniciou, fui conhecendo as crianças e percebendo que algumas precisariam de maior apoio da minha parte, pelo fato de ainda não estarem plenamente alfabetizadas. Essa situação me fez procurar além de conversas intermináveis, teorias que me ajudassem a fazer com que aquelas crianças avançassem. Iniciei minha busca por práticas construtivistas, que muito me ajudaram a conduzir uma didática que felizmente alcançou aqueles meninos. Eu os vi desabrochar, ganhar confiança, sentirem-se capazes. Foi gratificante receber agradecimento da mãe de um desses meninos. Um breve diálogo mostrou-me que eu havia feito a escolha certa e, pensando agora, impulsionou-me a escolher a graduação em Pedagogia.

Do Magistério à Pedagogia, das salas de alfabetização às salas de Educação Infantil, fui constituindo meus saberes docentes. De repente, as

contradições do dia a dia, as dificuldades impostas à profissão, as dúvidas recorrentes, a necessidade de realização pessoal, colocaram-me em um turbilhão de questionamentos. Seria a docência para crianças meu ofício para toda a vida? Era ali que gostaria de ver passar os meus dias? A realização pessoal chegaria? Minhas reflexões me levaram a alçar outros voos.

Novas oportunidades surgiram, na mesma cidade em que já atuava como professora de Educação Infantil, mas havia grandes desafios. O primeiro deles seria passar no concurso para a única vaga ofertada para o cargo de Pedagoga e depois constituir-me como formadora, tendo clareza da pouca experiência que eu tinha nessa área. A imposição de tal realidade não me desmotivou; ao contrário, decidi buscar meus objetivos.

Fui tomada por uma imensa felicidade ao saber que havia sido aprovada. Tomei posse no cargo em junho de 2008, e passei de professora de Educação Infantil a Formadora lotada na Secretaria de Educação da cidade de Jandira, região metropolitana de São Paulo.

Na Secretaria, tive a possibilidade de acessar e desenvolver diversos cursos e projetos. Atuei em diferentes departamentos e diferentes funções. A cada ano, cada novo projeto, cada novo desafio, crescia em mim a certeza da escolha certa, fui encontrando-me profissionalmente.

Dos catorze anos em que estou na Secretaria da Educação, mais da metade deles estive na “Casa do Professor”. Tal departamento presta-se a orientar todas as ações pedagógicas da rede municipal de Jandira, como elaboração de diretrizes curriculares, formações em serviço para monitores, professores e gestores, organização de

projetos, orientações para o planejamento pedagógico, diretrizes para avaliação da aprendizagem etc.

Por seis anos coordenei a “Casa do Professor” e nesse tempo nunca me afastei do ofício de formadora. Lembro-me de que a oportunidade de participar do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) foi um divisor de águas para mim. Cada encontro formativo do PNAIC desestabilizava meus conhecimentos. Havia uma formadora que me encantava, por sua responsabilidade, pelo seu conhecimento teórico, por sua luta em prol de uma educação pública de qualidade. Sua postura e entrega me inspiraram fortemente. Posso dizer que eu fui uma formadora antes da participação no PNAIC e outra completamente diferente depois. Tal formação impactou profundamente em minha atuação profissional. Para além de pensar em resultados, naquele momento faziam parte de minhas reflexões o como fazer, as dificuldades que estavam postas cotidianamente em sala de aula, o professor como sujeito de sua própria formação. O curso me fez valorizar ainda mais a formação permanente e o processo reflexivo.

A cada novo ano, entretanto, ao nos sentarmos na “Casa do Professor” para fazer o planejamento, os questionamentos eram os mesmos: Como faremos as formações permanentes? Tais formações contribuem para mudanças nas práticas cotidianas? Os profissionais das escolas consideram importante o processo formativo oferecido? Por que a formação permanente dos coordenadores não chega às escolas integralmente?

Devido a tais inquietações, a presente pesquisa foi sendo gerada ao longo do exercício de minha profissão e me fez procurar o Mestrado Profissional. Meu desejo é

investigar justamente a percepção de quatro coordenadoras pedagógicas quanto ao processo formativo desenvolvido pela “Casa do Professor”, centro de formação da Secretaria de Educação de Jandira, departamento no qual atuo. Igualmente a relação que estabelecem entre sua qualificação profissional e o impacto nas práticas cotidianas desenvolvidas pelos professores nas escolas.



# IMPACTOS DO ISOLAMENTO SOCIAL VIVIDO NA PANDEMIA COVID-19 NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Lidiane dos Reis Santos Amorim

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (Freire, 2003, p. 160).

Desde muito pequena, uma das minhas brincadeiras preferidas era escolinha. Ficava horas brincando com minha prima e cada dia uma era a professora da vez. Lembro-me de quando ganhei uma pequena lousa que foi fixada por meu pai na parede do quintal da minha casa. Foi uma festa, porque podíamos reproduzir as tarefas de casa e ajudar uma à outra a realizar essas atividades. Quando me perguntavam o que eu gostaria de ser quando crescesse, eu sempre respondia que queria ser mãe, professora ou dentista.

Bom, o primeiro sonho se realizou com muito êxito, hoje sou mãe de três lindas princesas que me enchem de orgulho todos os dias. Com relação ao sonho de ser dentista, logo desencantei; era algo muito longe da minha realidade, porque, na época, a maioria dos cursos de

odontologia cumpriam a carga horária em período integral e meus pais não tinham condições de bancar a faculdade; eu precisaria trabalhar para contribuir com o orçamento de casa, o que não seria possível estudando em tempo integral. Então, fui em busca do meu outro sonho: ser professora.

Quando ingressei no Ensino Médio, comecei a procurar cursos técnicos que me ajudassem a entrar no mercado de trabalho. Ao final do ano de 2001, realizei o processo seletivo na Escola Técnica Júlio de Mesquita (ETEC) e no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento ao Magistério (Cefam). Ambos os resultados saíram na mesma semana, mas confesso que fiquei na torcida para entrar no Cefam, porque queria muito ser professora e fui primeiro ver a classificação dessa prova. Para minha alegria, eu passei na 17ª colocação e fiquei tão feliz que nem fui ver minha classificação na ETEC (até hoje não sei se fui classificada ou não). Fiz logo minha matrícula e começou ali minha trajetória na educação.

A cada aula de metodologia eu me apaixonava mais pela profissão. Ao concluir o magistério, ingressei imediatamente na Pedagogia, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Concomitante, comecei a trabalhar em uma escola particular próxima à minha residência, como auxiliar de classe. Seis meses depois, assumi uma turma, o antigo pré, e me encantei com a alfabetização.

Após dois anos nessa unidade escolar, em 2007 tive a oportunidade de trabalhar em uma outra escola, também particular. Lá tive o privilégio de trabalhar com a Educação Infantil e foi encantador. Ver o progresso e

desenvolvimento dos pequenos me deixava cada dia mais convicta de que havia escolhido a profissão certa.

Em 2009, fui convocada para trabalhar como professora na rede municipal de Santo André, no estado de São Paulo. A princípio, trabalhava nas duas escolas, mas após um ano, despedi-me da escola particular, ficando apenas na municipal e aproveitei para aperfeiçoar meus estudos, iniciando na pós-graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia Clínica e Institucional, também pela UMESP.

Nos primeiros anos na rede de Santo André, tive a oportunidade de atuar em creches, pré-escola e ensino fundamental I. Em setembro de 2017, fui convidada a assumir a vice direção de uma escola. Decidi aceitar o desafio. Era uma escola com mais de mil alunos, que atendia a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Nessa unidade, havia muitas crianças com transtornos e com deficiência intelectual, além de um grande número de crianças com dificuldade no aprendizado. Foi quando resolvi fazer mais uma pós-graduação *Lato Sensu*. Escolhi a Neuropsicopedagogia, para poder ajudar essas crianças no processo de ensino-aprendizagem.

Em janeiro de 2021, recebi o convite para o cargo de Diretora de outra unidade escolar do mesmo município. Confesso que senti um pouco de medo, principalmente por estarmos vivendo algo inédito na sociedade: uma pandemia causada pelo vírus Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARS-CoV-2), conhecido como coronavírus. As crianças estavam recebendo orientações de forma remota, os professores estavam aprendendo a utilizar diversas ferramentas para alcançar a todos os

alunos, que viviam em diferentes situações sociais. Mesmo diante desse desafio, aceitei a função.

Com o retorno dos alunos ao atendimento presencial, minha preocupação aumentou, pois recebia muitos questionamentos dos professores referentes aos alunos, principalmente da Educação Infantil. As queixas referiam-se, em sua maioria, a comportamento das crianças como: insegurança, fala, coordenação motora e aprendizagem. Em conversa com algumas famílias, também foi destacada a mesma preocupação sobre o desenvolvimento de seus filhos.

Todas essas inquietações me fizeram pensar sobre como foi vivenciado esse momento de isolamento social e os impactos causados na vida das crianças, e foi quando senti a necessidade e o desejo de iniciar esta pesquisa. Minha trajetória de vida, o interesse e a busca pelo conhecimento, e o relacionamento com meus pares na prática cotidiana trouxeram-me até o mestrado e meu desejo é que este estudo possa contribuir para que os professores ofereçam melhores possibilidades de aprendizagem às crianças, nesse cenário vivido nos últimos dois anos.

# PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS DE UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL: A ALIMENTAÇÃO DOS BEBÊS EM PAUTA

Luciana da Conceição Liberato

O ser humano se alimenta de partes iguais de suas fantasias e de suas recordações, por isso que prestamos especial atenção a ambos os aspectos, tanto para gerar alegria pelos projetos futuros como para ajudar a selecionar e guardar lindos momentos na vida (Barbanca; Barbanca, 2018, p. 45).

Para explicar ao leitor o porquê da escolha do meu objeto de estudo, recorro às minhas memórias escolares, as quais estão pautadas nos momentos da alimentação, em diferentes tempos da minha infância, até a idade adulta. Iniciei a minha vida escolar em 1987, na cidade de São Paulo, no bairro do Jabaquara, quando a Educação Infantil ainda fazia parte da Secretaria da Assistência Social. Não me recordo muito desse período, mas ainda guardo, nas minhas poucas lembranças, a imagem do leite servido na caneca azul.

Um ano depois, em 1987, por motivos financeiros, minha família mudou-se para a cidade de Itapeverica da Serra, ano em que ingressei no antigo pré-primário, na

Escola Estadual Jardim Jacira, na qual permaneci até a 8ª série do Ensino Fundamental, atualmente 9º ano. Lembro-me das refeições na hora do recreio: formava filas com meus coleguinhas e éramos servidos pela merendeira, que ficava na cozinha, atrás de um balcão, anos depois acrescido de uma grade, devido às constantes invasões. Não me recordo de outro formato durante o horário de alimentação, exceto quando recebia bolacha ou fruta na sala. Cursei o Ensino Médio no período matutino, e no intervalo, era servida alimentação, que geralmente era uma sopa.

Ainda na infância, recordo-me dos momentos em família, da comida preparada pela minha mãe, aos domingos, das festas e da comida predileta do meu pai. O alimento é uma forma de lembrar momentos especiais e também de transmitir amor e afeto. Isso pode evocar sentimentos de conforto e aconchego, ao nos transportar de volta àqueles momentos.

Iniciei minha trajetória profissional como menor aprendiz, na Previdência Social, aos 16 anos. Quando completei 18 anos fui efetivada. Naquela época, com contrato de trabalho pautado na Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), consegui ingressar na faculdade, fato sempre incentivado pelos meus pais. Prestei o processo seletivo na Universidade Anhembi Morumbi para cursar Economia, mas como não atingi a pontuação necessária, matriculei-me em Pedagogia, segunda opção por mim escolhida, mesmo sem entusiasmo à época.

Logo nos primeiros dias de aulas, pensei em desistir. Não entendia nada de educação. Na sala, a maioria dos colegas havia cursado o Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) ou estava

cursando a segunda graduação. Mesmo com tantas dificuldades, continuei, até concluir o curso, em 2004. Durante o curso, trabalhei como voluntária no Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA) da universidade. Experiência riquíssima, pois foi a partir dele que conheci a obra de Paulo Freire.

Nos dois últimos anos da graduação, participei do Programa Escola da Família, da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. O programa Bolsa Universidade é um benefício concedido pelo Governo do Estado, em parceria com instituições particulares de Ensino Superior, a alunos que tenham uma maior dificuldade em custear os estudos no ensino superior. Mesmo após formada, continuei trabalhando em empresas, nas mais variadas funções. Somente em 2010, depois de tantas perdas e frustrações, decidi atuar como professora. No final daquele ano, por indicação de uma colega, ingressei como professora de Educação Infantil em uma escola da rede parceira da Prefeitura de São Paulo.

Iniciei em um período de ascensão da Instituição. Na época, o atendimento ampliava-se com a inauguração de uma unidade que atenderia 340 crianças. Fui contratada para atuar na unidade que já prestava atendimento desde 1997, para substituir uma professora que precisou ser desligada, por não ter concluído o curso de Pedagogia. No primeiro dia de trabalho, pensei em desistir, pois o desafio de estar em uma sala de aula, com 25 crianças de três anos foi assustador, à primeira vista. Novamente, mesmo com os desafios, continuei. Sem experiência, busquei auxílio com as minhas irmãs, que já atuavam na Educação Infantil.

Não fiquei muito tempo no cargo de professora, porque, em 2011, surgiu a oportunidade de assumir a coordenação pedagógica. Realizei o processo seletivo e fui aprovada. A partir de então, comecei a me aprofundar na leitura de autores que fossem referência na Educação Infantil e logo descobri que a docência e a gestão dessa etapa de ensino fascinavam-me. Naquele momento, com um brilho diferente no olhar, cursei pós-graduação *lato sensu* em Educação Especial e, em seguida, em Gestão Educacional. Realizei diversos cursos de complementação pedagógica, para potencializar as minhas ações dentro da unidade educacional, como formadora.

Minha trajetória como coordenadora começou de forma tímida e assustadora, pois não tinha muita experiência como professora regente e o desafio era maior do que eu poderia imaginar. Assumi a coordenação tendo de trabalhar com 24 docentes, 220 crianças e suas famílias. Ainda em 2011, a unidade onde iniciei como professora foi fechada e as crianças e funcionários foram, então, transferidos para a unidade que eu coordenava. Que ano! Não pensei em desistir. Sofri racismo, trabalhei exaustivamente e aprendi muito. Nessa trajetória, sempre trabalhei com grupos grandes de professoras e crianças, busquei diversas formas de conduzir o trabalho, errei, mas sempre pensando em ajudar a equipe. Assim fui somando, ano após ano, muitas experiências, alegrias e desafios.

Fiquei no cargo de coordenadora por nove anos. Nesse período, sempre tive um olhar atento para alimentação dos bebês e crianças. Juntamente com a equipe docente e direção, pensávamos no espaço, no tempo, na apresentação do prato e, principalmente, no zelo em relação ao preparo das refeições. Percebi que o

trabalho com a alimentação dos bebês e crianças estava mais voltado para o cuidado, sem pensar naquele momento como propício para ricas e importantes aprendizagens. Com frequência, orientava as professoras em relação à apresentação do cardápio em outros momentos da rotina, bem como o estímulo e oferta de alimentos variados, conforme disponibilidade da unidade educacional.

Em 2018 o Instituto foi ampliado e no ano de 2019 passou a atender por volta de 1000 crianças; um complexo educacional composto por quatro creches. Com essa ampliação surgiram novas oportunidades, a saber: a parceria do Instituto com a Cultura Inglesa, que concedeu bolsas de estudo para todas as pedagogas da creche, curso do qual também participei. No início de 2020, assumi o cargo de diretora em uma unidade com 224 bebês. Foi naquele momento que meus anseios aumentaram, afinal trabalhar com aquela faixa etária exigia muito compromisso e responsabilidade.



# A TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES DA SUPERVISÃO ESCOLAR

Luciana Ramalho Santana Mandu

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou é marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (Freire, 1991, p. 58).

Escrever sobre transição de educação infantil para o ensino fundamental, alinhando ao trabalho da supervisão escolar, é algo desafiador, que me inquieta e, ao mesmo tempo, motiva-me, pois me faz refletir como posso contribuir para a melhoria e aumento da qualidade na educação, mesmo não estando no espaço escolar todos os dias. Porém, este interesse não nasceu de uma hora para outra; não brotou em um solo infértil; ao contrário, é uma semente lançada em terreno bom, há muito tempo, que germinou e cresceu e cresce a cada dia, com a pretensão de dar muitos frutos. Por essa razão, elucidar quando e como essa semente foi lançada e cultivada é bastante relevante para compreender as razões e as motivações do objeto de estudo desta dissertação.

Nasci e cresci em Itapecerica da Serra, numa família de 4 irmãos, sendo a mais nova deles, numa casa que ficava ao lado da casa de minha avó, que era casada pela segunda vez com uma pessoa muito carinhosa e que nos tratava como netos legítimos. O maior desejo desse “avô de coração” era aprender a ler e escrever. Mas, naquela época, não havia escola próxima que recebesse adultos para estudar e, por esse motivo, cada vez que uma neta era alfabetizada e conseguia ler com fluência, tornava-se professora dele. Comigo não foi diferente e, quando completei 10 anos de idade, passei a ser professora do meu “avô de coração”.

Meu encanto por ensinar começou aos 10 anos de idade. Quando completei 14, ingressei no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam) – um projeto do Governo do Estado de São Paulo, de nível médio, que incentivava e selecionava jovens para o exercício do magistério.

Ao concluir o magistério, ingressei no curso de Letras na Universidade Anhembi Morumbi, em 2002, e, logo no início da graduação, comecei a trabalhar como professora eventual (que substituía o professor titular na sua ausência) em uma escola estadual de ensino fundamental II, na cidade onde morava. No ano seguinte, comecei a ministrar aulas de musicalização infantil em uma escola particular e, em outubro de 2003, iniciei minha carreira na Rede Municipal da cidade de São Paulo, como professora de educação infantil.

A partir dali, fiquei encantada com a educação infantil. A cada ano que passava, como professora de crianças pequenas, de 4 a 5 anos, apaixonava-me ainda mais por esta etapa da educação básica e por toda cultura

da infância que permeava o trabalho desenvolvido. Perceber como as crianças se desenvolviam, como aprendiam e como a escola contribuía para isso era algo que me fazia entender que tinha escolhido o caminho certo e que a semente lançada havia germinado e estava crescendo.

Com três anos como professora de educação infantil, e após concluir a graduação de Letras, cursei um ano de complementação pedagógica em gestão escolar e ingressei no segundo cargo público como professora de ensino fundamental I pela Secretaria do Estado de São Paulo, no qual permaneci por apenas um ano, porque o que eu desejava era me dedicar exclusivamente à educação infantil.

Após oito anos trabalhando como professora, acessei meu primeiro cargo na gestão escolar, como coordenadora pedagógica de uma escola de ensino fundamental também na Rede Municipal de São Paulo. Essa escola atendia crianças do 1º ao 9º ano e educação de jovens e adultos (EJA).

Quando escolhi a vaga de coordenação, encontrava-me em licença maternidade da minha segunda filha, e como iria iniciar exercício apenas em julho, tinha o plano de permanecer até dezembro na escola escolhida para, depois, conseguir a remoção para uma escola de educação infantil. Porém, como toda semente que cresce vai se ramificando, encontrei nessa escola uma equipe tão acolhedora que percebi, naquele espaço, uma oportunidade de continuar aprendendo, crescendo e estendendo os meus “ramos”.

Embora a educação infantil fosse meu grande encantamento, percebi que poderia contribuir para o

ensino fundamental, trazendo reflexões a respeito da cultura da infância, do lúdico, das concepções de educação, avaliação. Afinal de contas, naquela escola, também havia crianças, algumas pequenas, outras grandes, mas que eram crianças e adolescentes ainda em desenvolvimento. E por que não continuar com eles, contribuir e aprender com eles? Assim, não me removi no final do ano, como pretendia, e continuei na coordenação pedagógica por quatro anos.

Durante o tempo que permaneci na coordenação, desenvolvemos muitos projetos com as crianças e jovens do ensino fundamental, que tiveram como base algumas concepções trabalhadas na educação infantil, com a implantação do parque, recreio dirigido com brincadeiras tradicionais, brinquedoteca e sala de jogos.

Embora desenvolvesse, na coordenação pedagógica, um trabalho repleto de concepções advindas da educação infantil, não conseguia promover uma integração com a Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), de origem das crianças recebidas no primeiro ano. Aconteciam algumas tentativas, como, por exemplo, a leitura dos relatórios individuais das crianças, que a EMEI enviava para a escola, mas isso não era suficiente. E foi a partir dessa constatação que questões sobre a integração entre a educação infantil e o ensino fundamental começaram a me provocar.

Como já mencionado, encontrei nessa escola uma equipe muito acolhedora, uma direção parceira, que incentivava a formação permanente e que enxergava que a criança, ao chegar no ensino fundamental, continuava a ser criança e, por isso, necessitava de práticas pedagógicas que considerassem suas especificidades. Após quatro

anos na coordenação pedagógica, assumi o cargo de diretora nessa unidade educacional, seguindo a mesma linha de entendimento que a direção anterior.

No cargo de diretora, permaneci por três anos, até ser designada, em 2017, supervisora escolar na Diretoria Regional de Campo Limpo, na cidade de São Paulo, cargo em que me efetivei em 2019. A supervisão escolar acompanha e orienta uma média de 9 a 10 escolas, sendo a maioria delas de educação infantil que, geralmente, pertencem a um mesmo território geográfico e cultural. Uma de suas atribuições é a aplicação de políticas públicas e, por isso, a implementação de diretrizes publicadas pelo órgão central de um sistema de ensino.

A partir de 2019, com a publicação do Currículo da Cidade – Educação Infantil, do município de São Paulo, a supervisão escolar passou a contemplar, em suas pautas de ação supervisora, questões a respeito desse documento, com o objetivo de contribuir para sua implementação.

Esse documento está organizado em cinco eixos, a saber: “A escola como espaço social da esfera pública”; “Bebês e crianças na Cidade de São Paulo: as interações e brincadeiras como princípios para a ação pedagógica nas unidades de educação infantil”; “A reinvenção da ação docente na educação infantil”; “Articulando a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental” e “Gestão democrática e a implementação do currículo”.

A figura do supervisor escolar aparece no documento, pela primeira vez, no eixo que trata da articulação entre a educação infantil e o ensino fundamental e, talvez, isso se deva ao fato de que este

profissional acompanha tanto as unidades educacionais de educação infantil quanto as de ensino fundamental.

Trabalhando como supervisora escolar, consigo entender como foi importante para minha trajetória profissional e formativa ter experienciado diferentes etapas da educação básica, pois consigo identificar as particularidades de cada uma e como elas se relacionam e se complementam.

Diante disso, senti a necessidade de continuar a fazer os ramos se multiplicarem, estenderem-se e, assim, em 2018, iniciei um curso de pós-graduação *lato sensu* em gestão escolar, na Universidade de São Paulo (USP Esalq), que conclui em 2019. Nele iniciei um estudo sobre o papel da supervisão escolar na implementação do Currículo da Cidade – Educação Infantil, do município de São Paulo, e pude notar o quanto contribuiu para minha ação supervisora; porém, ainda faltava algo que ajudasse a compreender melhor o meu papel no contexto das escolas.

Ao realizar este curso, a questão que já me provocava, enquanto era coordenadora pedagógica, voltou a fazer parte das minhas inquietações e foi nesse momento que percebi o quanto necessitava aprimorar meus conhecimentos a respeito das possibilidades de integração entre os diferentes níveis da educação básica.

A partir de então, comecei um diálogo com colegas de trabalho que iniciaram o Mestrado Profissional e pude notar o quanto as pesquisas realizadas por elas contribuíam para reflexões e até para intervenções nas práticas com as escolas.

Lendo algumas dissertações e refletindo sobre os diálogos estabelecidos com as colegas, enxerguei no Programa de Mestrado Profissional uma possibilidade de

qualificar meu fazer, enquanto supervisora escolar; de estabelecer melhor a relação entre a teoria e a prática; de contribuir para estudos relacionados ao cargo de supervisão escolar e de buscar respostas às questões que inquietavam minha prática desde a coordenação pedagógica.

Trabalhando como supervisora escolar, encontro diversos desafios, pois, mesmo não estando dentro da escola o tempo todo, faço o acompanhamento e a orientação de todas elas, tanto as de educação infantil quanto as de ensino fundamental e, por isso, pretendo aprofundar o estudo já iniciado, investigando, nesta pesquisa, como a supervisão escolar pode contribuir para a articulação entre a educação infantil e o ensino fundamental na sua ação supervisora.



# COMUNIDADES DE APRENDIZAGENS COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DOCENTE E RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariana Silva Lima

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (Freire, 2003, p. 110).

O sentimento de inquietude permeou minha juventude; nunca fui de esperar, mas de ir em busca de meus anseios, desejos e de novos desafios. Fui incentivada a valorizar os estudos, em prol de um percurso profissional de sucesso, que não fosse limitante e me realizasse como mulher. Sobretudo pela minha mãe, mulher negra e que foi a primeira de sua família a formar-se no Ensino Superior, em Psicologia e em Pedagogia e em diferentes cursos de especialização *lato sensu* na área da educação. Até hoje, no auge de seus 67 anos, continua

sendo minha maior inspiração, nunca parou de estudar. Foi ela quem me apresentou ao magistério, quando eu contava com 15 anos de idade. Confesso que inicialmente o cursei como mais uma possibilidade de profissão apenas, e veio a se tornar uma grande paixão.

Lembro-me do primeiro dia do estágio supervisionado: cheguei à escola de Educação Infantil, entrei na sala e logo busquei uma cadeira para me sentar, ainda sem muito saber como me portar ou o que deveria fazer, olhei ao redor e vi os olhos expectantes das crianças e o desejo de se aproximarem de mim como se estivessem à espera de uma ação que os surpreendessem, que seria como um presente, uma alegria. Sem saber ainda muito bem o que fazer, eu não tive dúvida do que senti, me encantei.

O meu anseio por aprofundar minha compreensão sobre essa primeira etapa da Educação Básica era tão grande que, antes de terminar o curso de magistério, comecei a trabalhar em uma escola na zona norte da cidade de São Paulo e, concomitantemente, ingressei no curso de graduação em Pedagogia na Universidade Paulista (UNIP), em 2004.

Três anos após minha formatura, ingressei como professora na Rede Municipal de São Paulo e, no ano seguinte, fui convidada para ocupar o cargo de coordenadora pedagógica na unidade em que atuava. Com isso, um novo caminho se abriu e a inquietação sobre a predominância da ação gestora para que a escola fosse, de fato, um local de propostas qualificadas, balizou meu fazer e meus anseios profissionais. Em função do trabalho desenvolvido, recebi, no ano de 2012, novo convite para ocupar o cargo de Assistente de Diretor na mesma Unidade Educacional. Ter vivenciado esses diferentes cargos foi primordial, sobretudo porque a

escola em que atuava passava por um processo de ressignificação de sua proposta pedagógica, permitindo-me tecer diferentes olhares neste percurso.

Em 2017 acessei a direção de um Centro de Educação Infantil (CEI) na periferia da zona norte de São Paulo; contrariando todas as vozes que ecoavam os temores que a comunidade poderia me remeter; eu o escolhi, aceitando o desafio e na expectativa de mudar uma história, criar uma relação respeitosa e de parceria com as famílias, ressignificar o fazer pedagógico, despertar a autoestima e a potência de profissionais da infância que traziam em suas falas e lembranças o esquecimento, a indiferença e o conformismo do que “poderia” ser uma escola pública na periferia.

Os gestores desse CEI não estabeleciam diálogo entre os educadores, não escutavam as famílias, as quais eram atendidas pela grade da secretaria e, nesse contexto, eu compreendi que meu fazer iria além de gerir tempos, espaços e verbas. Tratava-se de humanizar as relações, de mostrar que é possível reconstruir, transformar e ressignificar não só um espaço educativo, mas a comunidade e o território em que a escola está inserida.

Logo na primeira reunião foi possível perceber pelo olhar, ações e ideias um esforço individual de cada educador em ofertar boas práticas aos bebês e às crianças e o desejo de serem reconhecidos em seus fazeres. Porém, um dos entraves ainda era a visão restrita de gestão como supervisão, fiscalização ou subordinação. A desconstrução desse olhar foi o meu maior desafio no início dessa empreitada.

Pouco a pouco fomos ressignificando a proposta pedagógica do CEI por meio da escuta de todos os

integrantes da comunidade escolar, de ações de autoria e pertencimento, possibilitando que crianças, professores, funcionários e famílias contribuíssem para a construção coletiva do espaço escola.

Desde então, o CEI em que atuo tem escrito uma nova história na periferia de São Paulo, ansiando cada vez mais pela oferta de um ensino público de qualidade, com mediações que propiciam respeito, segurança emocional e afetiva, escuta e sensibilidade, entendendo que o protagonismo das famílias, dos bebês e das crianças são possíveis. Juntos alçam voos na construção de uma escola pública, periférica, coletiva e democrática. Vivências que me instigam a teorizar as práticas, pesquisar os processos formativos presentes na realidade e as estratégias formativas eficazes na qualificação das propostas pedagógicas tendo como base a valorização da diversidade cultural presente na comunidade escolar.

Suponho que é possível ir além, qualificando os fazeres e rompendo com os estereótipos e o preconceito de que as diversas culturas, contextos sociais e os diferentes entendimentos sobre a infância podem minimizar os processos educativos, sendo importante a visão de formação permanente como um constante ato de ensinar e aprender.

Um sonho desde que acessei o cargo de gestora é colaborar com a construção de uma equipe pedagógica engajada em proporcionar uma educação qualificada aos bebês e crianças, crendo que, por meio da partilha e da pesquisa, podemos ampliar os olhares de gestores e docentes para a formação continuada nos espaços escolares, ação a que tenho me dedicado.

# TEMPOS E ESPAÇOS NA ROTINA DE UMA CRECHE DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO ANTES E DURANTE A PANDEMIA

Priscila de Oliveira Leal

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (Freire, 2003, p. 73).

A infância e seus sabores... vivências como rolar na terra, nadar nos rios, fazer comidinha no fogão à lenha, beber leite fresquinho da vaca, acordar com o aroma do café moído e servido na hora, era o jeito de iniciar mais um dia que começava cheio de descobertas.

O fato de ser filha de uma professora que valorizava as experiências vividas pelas crianças para criar boas memórias foi o disparador para inserir-me no universo da educação. Observo ainda que o fato de vivenciar o trabalho desenvolvido pela minha genitora que envolvia a família em seus projetos que ultrapassavam os muros da escola em uma interface territorial, num processo que gerava conscientização da comunidade educativa quanto às suas potencialidades, foram elementos transformadores em minha existência.

A oportunidade de me deparar com perguntas que não tinham respostas prontas e sim a intencionalidade de me fazer ler o mundo por meio de olhares solidários e respeitosos foram me constituindo e direcionando-me até a Faculdade São Bernardo (FASB) para cursar Pedagogia no ano de 2008.

Já no primeiro ano, aos dezoito anos, comecei a estagiar em uma Escola Municipal da Rede de São Bernardo do Campo nas séries iniciais do Ensino Fundamental. No segundo ano da faculdade, no auge da minha juventude e envolvida com meus estudos, tive uma gravidez inesperada, o que trouxe desafios que perpassaram o viés do gênero, ser mulher, mãe e a escolha de ser solteira. Dadas essas circunstâncias, neste momento, a rede de apoio foi imprescindível para que eu não desistisse; assim a jornada de trabalho e de estudo dobrou, pois com a responsabilidade posta, trabalhava também aos finais de semana no Programa do Governo do Estado de São Paulo “Escola da Família”, que concedia bolsas de estudo integrais para estudantes e, como contrapartida, os bolsistas se comprometiam a desenvolver atividades compatíveis com o seu curso de graduação. Nesse contexto, em 2012, com vinte e dois anos conclui o curso de Pedagogia.

Após a conclusão da graduação, ingressei como professora de Ensino Fundamental na Rede Municipal de São Caetano do Sul. Fez parte dessa trajetória a participação efetiva na constituição da atual Associação dos Profissionais da Educação de São Caetano do Sul (ASPESC). Em seguida, ingressei na Rede Municipal de Santo André, também no Ensino Fundamental. Após seis anos de trabalho, pedi demissão da Rede Municipal

de São Caetano e fiquei somente na Rede Municipal de Santo André.

Instigada em descobrir como ocorre o desenvolvimento das crianças, ingressei no curso de pós-graduação *lato sensu* em Psicopedagogia Clínica e Institucional na Fundação Santo André, o que foi um marco na minha vida acadêmica, pois viabilizou outras formas de observar as pequenas ações das crianças, desencadeando o interesse em aprofundar os conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil na primeiríssima infância, aloquei-me em uma creche.

Pensando em aprender e qualificar o meu trabalho com as crianças, no final de 2018 prestei um processo seletivo para assumir função gratificada como assistente pedagógica (AP) em Santo André; fui selecionada e atuei durante um ano conduzindo o fazer pedagógico das educadoras; no ano seguinte fui convidada a assumir a função de diretora na mesma unidade a atuei por dois anos, totalizando três anos na mesma unidade. No início de 2023, fui convidada para atuar como Coordenadora de Serviços Educacionais, função essa que estou exercendo até o presente momento.

No cotidiano da creche, algumas reflexões foram permeando o meu fazer pedagógico, dentre essas: como se constitui a organização do tempo e do espaço na rotina da creche? Na perspectiva de que o conhecimento pudesse elucidar dúvidas, e impulsionada pelo desejo de aprender, inscrevi-me, em 2021, no Processo Seletivo do Programa de Mestrado Profissional.



# ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS-AMBIENTES BRINCANTES DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL, APÓS RETORNO PRESENCIAL

Tatiane Sesztak Leonardi

Tenho pensamentos que, se pudesse  
revelá-los e fazê-los viver, acrescentariam  
nova luminosidade às estrelas, nova beleza  
ao mundo e maior amor ao coração dos  
homens (Pessoa, 1986, p. 35).

Para que o leitor possa compreender o motivo da escolha do meu tema de pesquisa, recorro a fragmentos da minha trajetória pessoal e profissional. Desde a minha infância, minha diversão era brincar de “escolinha” e, na maioria das vezes, assumia o papel de professora. Aos 13 anos, comecei a trabalhar em *buffets* infantis, como recreadora/monitora. Aos poucos, fui apaixonando-me pelas crianças, e isso influenciou na minha escolha profissional. Quando completei 17 anos, decidi que faria o curso de Pedagogia, por estar relacionado ao trabalho com elas.

Em 2010, iniciei o curso na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), localizada no bairro Vila Leopoldina, em São Paulo. No primeiro ano da graduação, comecei a fazer estágio em uma escola particular de Educação Infantil e, então, essa minha paixão pelas crianças foi

consolidando-se e se fortalecendo. Percebi o quanto é importante deixar as crianças “livres” para aprender. A proposta pedagógica era construtivista e valorizava a criação e criatividade individual e coletiva das crianças.

Em dezembro de 2012, formei-me e meu sonho foi parcialmente concretizado. Havia então iniciado mais uma etapa de minha vida. No mês seguinte, janeiro de 2013, comecei a lecionar em uma escola da rede particular, localizada na cidade de Osasco, em São Paulo. Foi uma das mais importantes experiências na minha trajetória profissional, pois consegui superar muitos desafios durante as minhas práticas. Cada obstáculo me fez querer crescer como pessoa e profissional, e assim, criei grandes vínculos afetivos com as crianças e demais funcionários. Até hoje mantenho algumas amizades iniciadas naquele período.

Sair da zona de conforto sempre foi o meu desafio, por isso procurei novas experiências e aprendizagens e, no segundo semestre de 2013, cursei pós-graduação *lato sensu* em Educação Corporativa, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial-Senac, a qual me trouxe novos ensinamentos, uma vez que meu olhar para a “caixinha” voltada à escola ampliou-se para as empresas, no decorrer do curso de Pedagogia. Meus pais sempre me incentivaram para ser funcionária pública, e assim, em 2015, prestei o concurso para professora da rede municipal de educação de São Paulo. Em 2017, fui chamada e assumi o cargo de professora em um Centro de Educação Infantil (CEI). Uma nova trajetória foi iniciada.

Durante a minha jornada na rede pública, lecionei em quatro escolas; cada uma possuía seu próprio “manual” de como ser professora e de como eu deveria

lidar com as crianças. Durante esse tempo, realizei muitos cursos que a Secretaria Municipal de Educação (SME) promoveu e outros de extensão, com as faculdades parceiras da prefeitura, todos voltados para área da Educação. Neste percurso, fui aperfeiçoando minhas práticas e ampliando minhas aprendizagens.

Por meio de estudos sobre os espaços que as crianças frequentam e o quanto eles contribuem para o desenvolvimento delas, desenvolvi, em 2019, um projeto com as crianças da minha sala referência. Propus que elas me ajudassem na organização dos brinquedos, cartazes e materiais. Dessa maneira, consegui dar visibilidade à voz das crianças e percebi o quanto essa ação foi importante para que exercessem o seu protagonismo.

Esse projeto motivou-me a buscar mais conhecimentos sobre o tema os espaços e ambientes das escolas de educação infantil, que escolhi como objeto de pesquisa para ingresso no mestrado. Em meio a minha decisão de ingressar em tal curso, no ano de 2020 surgiu a pandemia do SARS-COV-2-Covid-19, que gerou muitas incertezas, pois as aulas precisaram ocorrer de forma online, na escola onde atuava, e permaneceram assim até o ano de 2021, quando ingressei no Programa de Mestrado Profissional.

As experiências que adquiri no decorrer desse percurso formativo, fizeram-me refletir sobre minhas práticas como educadora e pesquisadora, trazendo ainda mais relevância para o tema que escolhi pesquisar e, principalmente, ampliaram o meu olhar, tornando-o mais sensível para as crianças e suas infâncias. Mesmo sabendo que a pandemia ainda continuaria, fui adaptando minha pesquisa, conforme a realidade em que estávamos imersos.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Rubem Alves essencial**: 300 pílulas de sabedoria. São Paulo: Planeta, 2015.

AMORIM, Lidianne dos R. S. **Impactos do isolamento social vividos na pandemia de Covid-19 na aprendizagem e no desenvolvimento de crianças de uma Escola Municipal de São Paulo**. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2023.

BARDANCA, Angeles. A.; BARDANCA, Isabel. A. **Os fios da infância**; Tradução Tais Romero. São Paulo: Phorte, 2018.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. **Revista Brasileira de Educação**, jan/fev/mar/abr, nº 19, 2002.

CORTELLA, Mario S. **Qual é a sua obra?**: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes, 2011.

EGI, Carla Matie de Jesus. **Autoavaliação institucional participativa na educação infantil**: para além dos dados levantados. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, vol. XXX, núm. 63, setembro-dezembro, 2007, pp. 413-438. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil, 2007.

LEAL, Priscila de O. **Tempos e espaços em uma creche do município de São Bernardo do Campo antes e durante a pandemia**. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2023.

LEONARDI, Tatiane S. **Organização dos espaços-ambientes brincantes de um Centro de Educação Infantil, após retorno presencial**. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2023.

LIBERATO, Luciana da C. **Práticas pedagógicas de professoras de um Centro Municipal de Educação Infantil: a alimentação dos bebês em pauta**. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2023.

LIMA, Mariana S. **Comunidade de aprendizagem como estratégia de formação docente e ressignificação de uma proposta pedagógica em um Centro de Educação**

**Infantil.** São Paulo. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2023.

LIMA, Maria Emília C. de C; GERALDI, Corinta M. G; GERALDI, João W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista.** v. 31, n.1, p. 17-44, Belo Horizonte, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/w7DhWzM5mB4mZWLB5hthLVS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 31 março de 2023.

LISPECTOR, Clarice. Entre aspas, crônica publicada no Jornal do Brasil em 20/12/1969 In: **A descoberta do mundo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MANDU, Luciana R. S. **A transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental:** contribuições da supervisão escolar. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2022.

MAZZETO, I. S. **A formação permanente de coordenadoras pedagógicas da educação infantil:** qualificação profissional e impactos nas práticas cotidianas. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2023.

OLIVEIRA, Amanda L. **Desemparedamento da infância em uma Escola Municipal de Educação Infantil em tempos de pandemia.** Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais - Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2022.

PASSOS, Fernanda C. M. V. **O processo formativo em contexto para professores de uma escola de Educação**

**Infantil na rede Municipal de Diadema-SP.** Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais - Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2023.

PESSOA, F. **Obras em prosa.** 11ª ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1986.

PIZZIMENT, Cris. **Sou feita de retalhos. Pedacinhos...** Pensador. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTk5NTA1Mg/> Acesso em: 15/11/2021.

RODRIGUES, Cyntia S. de S. **Ação supervisora na Rede Parceira: garantia dos direitos fundamentais dos bebês e das crianças.** Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2023.

RUIZ, Daniela. **O registro reflexivo como instrumento na qualificação da prática pedagógica de professoras da Educação Infantil.** Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2022.

SANTOS, Adriana da C. **Sensibilizando professoras de creche: a escuta de bebês no contexto da pandemia.** Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe). Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo, 2022.

SANTOS, Ademar F. dos. As lições de uma escola: uma ponte para muito longe. In: ALVES, Rubem. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** 4 ed. São Paulo: Papirus, 2002.

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Adriana da Costa Santos**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais, da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). Graduada em Pedagogia, com especialização em Educação Infantil, Didática e Supervisão Escolar. Atua como coordenadora pedagógica em uma creche na Rede Municipal de São Bernardo do Campo.

*E-mail:* adriana27sp@gmail.com

### **Amanda Loureiro de Oliveira**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). Graduada em Pedagogia, com especialização em Educação Infantil e Docência no Ensino Superior. Atua como professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo e na Prefeitura Municipal de Santo André.

*E-mail:* loureiroamanda666@gmail.com

### **Carla Matie de Jesus Egi**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). Graduada em Pedagogia, com especialização em Docência do Ensino Superior e MBA em Gestão de Pessoas. Atua como Assessora da Diretora

de Divisão Pedagógica da Diretoria Regional de Educação da Rede Municipal de São Paulo.

*E-mail:* carla.matie@hotmail.com

### **Cyntia Simone de Souza Rodrigues**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais, da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). Graduada em Pedagogia, com especialização em Gestão Escolar. Atua como Supervisora na Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

*E-mail:* cyrodrigues13@gmail.com

### **Daniela Ruiz**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). Graduada em Pedagogia, com especialização em Ciências da Natureza e Tecnologia. Atua como coordenadora pedagógica em uma creche da Rede Municipal de São Bernardo do Campo.

*E-mail:* danyruiz1980@gmail.com

### **Fernanda Cristina Mota Vellado Passos**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). Graduada em Pedagogia com especialização em Gestão Escolar e Coordenação pedagógica. Atua como coordenadora pedagógica na Rede Municipal de Diadema.

*E-mail:* nandapassos.ed@gmail.com

### **Iara Santos Mazzeto**

Mestra pelo Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). Graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia e Gestão Pública. Atua como Formadora de Professores na Secretaria de Educação da Rede Municipal de Jandira – SP.

*E-mail:* ismazzeto@gmail.com

### **Lidiane dos Reis Santos Amorim**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). Graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Neuropsicopedagogia. Atua como Diretora de Unidade Escolar na Rede Municipal de Santo André.

*E-mail:* lidiane.amorim.2022@gmail.com

### **Ligia de Carvalho Abões Vercelli**

Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE/Uninove). Graduada em Psicologia e em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia e em Psicanálise. Atua como docente no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) e no curso *lato sensu* em Psicopedagogia, na Universidade Nove de Julho (Uninove).

*E-mail:* vercelli.ligia@gmail.com

### **Luciana da Conceição Liberato**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de

Julho (Progepe/Uninove). Graduada em pedagogia, com especialização em Gestão Escolar e Educação Especial. Atua como professora de Educação Especial na rede Estadual de Ensino de São Paulo.

*E-mail:* liberatolu@gmail.com

### **Luciana Ramalho Santana Mandu**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). Graduada em Letras e em Pedagogia com especialização em Gestão Escolar. Atua como supervisora escolar na Rede Municipal de São Paulo.

*E-mail:* lumandu05@hotmail.com

### **Mariana Silva Lima**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) da Universidade Nove de Julho (Uninove). Graduada em Pedagogia, com especialização em Educação Infantil. Atua como diretora de escola em um Centro de Educação Infantil na Rede Municipal de São Paulo.

*E-mail:* professoramarilima@gmail.com

### **Priscila de Oliveira leal**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) da Universidade Nove de Julho (Uninove). Graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Psicomotricidade. Atua como Coordenadora de Serviços Educacionais na Rede Municipal de Santo André.

*E-mail:* priscilaleal90@gmail.com

**Tatiane Sesztak Leonardi**

Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Progepe/Uninove). Graduada em Pedagogia com especialização em Educação Corporativa. Atua como docente na Educação Infantil da Rede Municipal de São Paulo.

*E-mail:* tatianesesztak@hotmail.com

As narrativas auto(biográficas) apresentadas neste livro partiram das vivências pessoais e profissionais de cada pesquisadora, e apontam o quanto elas foram tocadas por suas histórias, pois ao escrevê-las, rememoraram e perceberam que suas memórias determinaram a escolha das carreiras profissionais e dos respectivos objetos de estudo.

